



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PROLING
MESTRADO E DOUTORADO EM LINGÜÍSTICA

DÉBORAH RIBEIRO GALVÃO

**ESCRITOS DE SANTA TERESINHA À LUZ DA TEORIA DIALÓGICA DO
DISCURSO**

JOÃO PESSOA

2018

DÉBORAH RIBEIRO GALVÃO

**ESCRITOS DE SANTA TERESINHA À LUZ DA TEORIA DIALÓGICA DO
DISCURSO**

Dissertação entregue ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G182e Galvao, Deborah Ribeiro.

Escritos de Santa Teresinha à luz da teoria dialógica
do discurso / Deborah Ribeiro Galvao. - João Pessoa,
2019.

100 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Teoria dialógica do discurso. I. Título

UFPB/BC

DÉBORAH RIBEIRO GALVÃO

ESCRITOS DE SANTA TERESINHA À LUZ DA TEORIA DIALÓGICA DO
DISCURSO

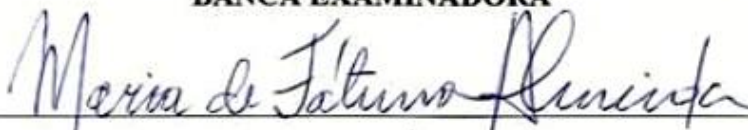
Dissertação entregue ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Almeida

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Almeida (UFPB/CCHLA/PROLING)

Orientadora/Presidente



Prof^a. Dr^a. Eliete Correia dos Santos (UEPB)

Examinadora externa



Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (UFPB/CCHLA/PROLING)

Examinador interno

DEDICO

Às fontes de amor que tenho em minha vida: Deus, sempre em primeiro lugar; meus pais, Dorotéia e Wilson; e meu marido, Raphael.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o criador de todas coisas, por nunca ter me abandonado.

A meus pais, Dorotéia e Wilson, grandes incentivadores dos meus estudos. Obrigada por todo amor e apoio durante toda minha vida. Com vocês aprendi a amar, a respeitar, a ser responsável e independente. Obrigada por todo sacrifício que fizeram para me proporcionar uma vida feliz. Tenho muito orgulho em tê-los como pais. Amo e sempre amarei vocês!

A meu marido, Raphael, quem amo imensamente. Obrigada por todo amor, carinho e paciência. Obrigada por não me deixar desistir jamais. Obrigada por me acalmar nos momentos de desespero. Sou muito grata a Deus por ter você em minha vida. Meu amor, meu amigo, meu parceiro. Eu te amo!

Ao meu irmão, Neto, que sempre torceu por mim em todos os momentos da minha vida. Amo você!

À minha sogra e a todos os meus familiares e amigos que de alguma forma torceram por mim durante minha jornada no Mestrado.

À Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida, por ter acreditado em mim e me aceitado como orientanda. Obrigada por toda paciência e dedicação e por todo conhecimento que me proporcionou. Que Deus encha sua vida de bênçãos. Foi uma honra tê-la como orientadora. Serei eternamente grata!

Aos professores do Proling, com os quais tive o prazer de aprimorar meus conhecimentos, em especial Regina Baracuh, Marianne Cavalcante, OrianaFulaneti e Carla Reichmann.

À UFPB, por ter me acolhido e dado a oportunidade de tornar essa grande realização da minha vida possível.

RESUMO

No campo das pesquisas linguísticas, mais especificamente na área da análise do discurso, vem ganhando destaque, o discurso religioso. E é neste âmbito repleto de significações, que esta pesquisa se ambienta. Verificamos que os textos de Santa Teresinha do menino Jesus descrevem uma peculiar relação com Deus. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral compreender como se dá o sentido de proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus apresentado por ela em seus escritos com base na teoria dialógica do discurso bakhtiniana. Como fundamentação teórica, utilizamos Bakhtin (2002, 2010, 2011); Volóchinov (2017); e Sobral (2009) para explorar os conceitos de: dialogismo, tom emotivo-volitivo, vozes do discurso e gêneros discursivos. Por meio de uma investigação documental de caráter qualitativo e natureza interpretativa, selecionamos como *corpus*, um recorte de vinte e quatro fragmentos do *Manuscrito A*, presente no livro *História de uma alma* (1987) escrito por Santa Teresinha. Primeiramente explicamos os conceitos que norteiam a pesquisa, bem como apresentamos os principais fatos biográficos de Santa Teresinha a fim de contextualizar sua obra. Em seguida, realizamos a análise propriamente dita com base nas categorias de análise: tom emotivo-volitivo e vozes do discurso. Os resultados apontam para o fato de que Santa Teresinha expressa uma proximidade com Deus baseada na sua fé e vocação e tal proximidade é construída, dialogicamente, sendo perpassada por outras vozes do discurso que fazem parte da sua formação religiosa: leituras bíblicas e formação literária. Concluímos que o tom emotivo-volitivo nos diálogos contínuos de Santa Teresinha com Deus constituem o que há de mais importante na busca da sua felicidade e realização pessoal. Consideramos que esta pesquisa contribui, então, para os estudos linguísticos que refletem a ação discursiva do sujeito, dando ênfase ao discurso religioso, mais especificamente, à religião católica. Reafirmamos que os estudos bakhtinianos são importantes em qualquer área do conhecimento mesmo sendo uma teoria bastante complexa.

Palavras-chave: Teoria dialógica do discurso, Tom emotivo-volitivo, vozes do discurso, discurso religioso, História de uma alma.

RESUMEN

No campo das pesquisas lingüísticas, más específicamente en la área da análise del discurso, viene ganando destaque, el discurso religioso. Y es en este ámbito repleto de significaciones, que esta pesquisa se ambienta. Verificamos que los textos de Santa Teresina del menino Jesús describen una peculiar relación con Deus. En ese sentido, este trabajo tiene como objetivo general comprender como se da el sentido de proximidad de Santa Teresina del Menino Jesús con Dios presentado por ella en sus escritos con base na teoría dialógica del discurso bakhtiniana. Como fundamentación teórica, utilizamos Bakhtin (2002, 2010, 2011); Volóchinov (2017); e Sobral (2009) para explorar los conceptos de: dialogismo, ton emotivo-volitivo, voces del discurso e géneros discursivos. Por medio de una investigación documental de carácter cualitativo y naturaleza interpretativa, seleccionamos como *corpus*, un recorte de veinte y cuatro fragmentos do *Manuscrito A*, presente en el libro *Historia de un alma* (1987) escrito por Santa Teresina. Primeramente explicamos los conceptos que nortean la pesquisa, bien como presentamos los principales factos biográficos de Santa Teresina a fin de contextualizar su obra. En seguida, realizamos la análise propiamente dita con base en las categorías de análisis: ton emotivo-volitivo e voces do discurso. Os resultados apuntan para el facto de que Santa Teresina expresa una proximidad con Dios basada na su fe e vocación e tal proximidad é construida, dialógicamente, siendo perpasada por otras voces do discurso que hacen parte da su formación religiosa: lecturas bíblicas e formación literaria. Concluimos que el ton emotivo-volitivo nos diálogos continuos de Santa Teresina con Dios constituyen lo que ha de más importante na busca da su felicidad e realización personal. Consideramos que esta pesquisa contribuí, entonces, para los estudios lingüísticos que refletem a acción discursiva del sujeto, dando énfasis al discurso religioso, más específicamente, à religión católica. Reafirmamos que os estudios bakhtinianos son importantes en cualquier área do conocimiento mismo siendo una teoría bastante complexa.

Palabras-llave: Teoría dialógica del discurso, Ton emotivo-volitivo, voces del discurso, discurso religioso, Historia de un alma.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Níveis da interação.....	22
Figura 2	Trecho inicial do Manuscrito A.....	28
Figura3	Teresa e seu pai.....	30
Figura 4	Teresa e sua mãe.....	30
Figura 5	Casa onde Santa Teresa morou em Liseux.....	31
Figura 6	Carmelo de Lisieux (pátio).....	32
Figura 7	Carmelo de Liseux.....	32
Figura 8	Santa Teresa com seu hábito.....	33
Figura 9	Santa Teresa aos 23 anos.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Fragmento 01.....	42
Quadro 2	Fragmento 02.....	43
Quadro 3	Fragmento 03.....	44
Quadro 4	Fragmento 04.....	45
Quadro 5	Fragmento 05.....	47
Quadro 6	Fragmento 06.....	49
Quadro 7	Fragmento 07.....	50
Quadro 8	Fragmento 08.....	51
Quadro 9	Fragmento 09.....	52
Quadro 10	Fragmento 10.....	54
Quadro 11	Fragmento 11.....	55
Quadro 12	Fragmento 12.....	56
Quadro 13	Fragmento 13.....	57
Quadro 14	Fragmento 14.....	59
Quadro 15	Fragmento 15.....	60
Quadro 16	Fragmento 16.....	61
Quadro 17	Fragmento 17.....	62
Quadro 18	Fragmento 18.....	63
Quadro 19	Fragmento 19.....	64
Quadro 20	Fragmento 20.....	65
Quadro 21	Fragmento 21.....	66
Quadro 22	Fragmento 22.....	67
Quadro 23	Fragmento 23.....	68
Quadro 24	Fragmento 24.....	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Percurso metodológico da pesquisa.....	16
1.2	Caracterização da pesquisa.....	16
1.3	Descrição do <i>corpus</i>.....	17
1.4	Categorias e procedimentos de análise.....	19
2	TÓPICOS DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA: DISCURSO E LINGUAGEM.....	20
2.1	Teoria dialógica da linguagem.....	20
2.2	O ato responsável, o existir-evento e o sujeito na teoria bakhtiniana.....	24
2.3	Os gêneros discursivos.....	26
2.3.1	O gênero carta com base em Bakhtin: composição e forma.....	27
2.4	Caminhos biográficos de Santa Teresinha do Menino Jesus: em busca de uma contextualização.....	29
2.4.1	Caracterização dos seus escritos.....	35
2.5	O tom emotivo-volitivo em Bakhtin.....	37
2.6	Polifonia em Bakhtin: as vozes que perpassam o discurso.....	39
3	A PROXIMIDADE DE SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS COM DEUS A PARTIR DOS SEUS ESCRITOS.....	41
3.1	Análise dos fragmentos selecionados.....	42
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
	REFERÊNCIAS.....	73
	ANEXOS.....	75

“...porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir.”

(BAKHTIN, 2010, p.44)

1 INTRODUÇÃO

*“D: Mas o senhor não era também um classicista?
B: eu era já.... Eu era um filósofo... Veja, eu diria assim...”*

D: O senhor era mais filósofo que filólogo?

B: Filósofo mais que filólogo. Filósofo. E assim permaneci até hoje. Sou um filósofo. Sou um Pensador.”

Bakhtin & Duvakin (2010, p. 12)

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin é um dos maiores filósofos da linguagem do mundo – assim como ele mesmo defende no trecho acima. Esse teórico russo dedicou sua vida a estudar e refletir sobre a linguagem. Segundo sua teoria, os discursos e enunciados são eventos únicos e que estão presentes o tempo todo na vida do ser, que também carrega consigo um caráter único, pois “eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir” (BAKHTIN, 2010, p.44). Portanto, a unicidade do ser e a unicidade do evento, tornam o enunciado um momento singular único e especial. São pensamentos como esse que mostram o quanto a teoria bakhtiniana contribui para a análise e reflexão de todos os tipos de discurso, inclusive, o religioso.

O estudo linguístico do discurso religioso não tem uma longa história, ou seja, sua exploração ainda é inicial no âmbito da análise de discurso, mas, com o passar dos anos, vem ganhando mais atenção e mais pesquisadores interessados nesse viés. No Brasil, podem-se citar alguns trabalhos e pesquisas relevantes nesse tipo de estudo, como por exemplo, as de Eni Orlandi (1987), em especial, o livro organizado por ela chamado “Palavra, fé e poder” que diz respeito a uma reunião de sete análises de diferentes modalidades de discurso religioso e das formas pelas quais se produzem suas manifestações. Também merece destaque entre os principais trabalhos de análise linguística do discurso religioso, as pesquisas recentes de Valdemir Miotello como, por exemplo, sua pesquisa intitulada *Bakhtin e o discurso religioso na contemporaneidade* (2013), que estuda as contribuições de Bakhtin para a análise do discurso religioso.

Ultimamente, no âmbito do discurso religioso, percebemos que ainda há muito a ser pesquisado. É possível observar que a maioria analisa e estuda a pregação da prosperidade ou a persuasão na pregação. Acreditamos que tal fato acontece porque a fé

é um fenômeno bastante complexo. Segundo a descrição do dicionário Houaiss (2001, p.430), fé é a crença absoluta em algo ou alguém, isto é, não há a necessidade de provas quando se tem fé em alguma coisa. E, ao se proferir essa fé através do discurso, cria-se uma proximidade maior entre os participantes desse evento singular. Por esse motivo, desperta o interesse de muito estudiosos da linguagem em tentar compreender essa relação entre a fé, o discurso e seus interlocutores.

Mas no que diz respeito ao discurso religioso no âmbito católico, poucos trabalhos que contemplam esse tema podem ser encontrados, principalmente com texto de Santa Teresinha justificando, assim, a importância desta pesquisa. Para chegar a essa conclusão, fizemos uma busca para identificar se esse tema é escasso no meio das pesquisas linguísticas acadêmicas. Essa pesquisa foi realizada em abril de 2017, baseando-se em buscas de teses, dissertações, artigos; disponibilizados no *Banco de Teses e dissertações* e no *Portal de periódicos da Capes*. Refinamos a busca pelo assunto “Santa Teresa do menino Jesus” pelas áreas de conhecimento, concentração e programas de pós-graduação, primeiramente ampla e depois em Letras e Linguística.

Nesse contexto, encontramos diversos trabalhos sobre Santa Teresa nas áreas de história, ciências das religiões, teologia e literatura. No entanto, não foi encontrado nenhum trabalho que contemple e explore cientificamente esse tema na área linguística, muito menos na área de análise do discurso. Sendo assim, comprovado que esta pesquisa traz uma nova perspectiva para a análise do discurso religioso católico.

Com essa busca, percebemos que há muitos textos escritos por ícones da igreja católica que podem ser objetos de estudos de muito valor para o campo de pesquisa linguística: São Francisco de Assis, Santa Teresa D’Ávila, Santa Faustina, etc. E um grande exemplo de um relevante objeto de estudo é a obra da vida de Marie-Françoise-Thérèse Martin, conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus, objeto de estudo escolhido para este trabalho. Tal escolha foi feita pelo fato de que sua biografia chama muita atenção no âmbito católico, pois ela dedicou todos os dias de sua existência ao serviço religioso e registrou nos seus manuscritos pensamentos, fatos e emoções sobre sua breve passagem pela terra e seu relacionamento com Deus e Maria. Tornando esses seus escritos objetos de estudo linguísticos valiosos.

Em seus escritos pode-se identificar uma carga emocional muito marcante em vários momentos descritos por ela. E em vários desses momentos percebemos a descrição de uma proximidade com Deus sentida por Santa Teresinha. Essas observações nos levaram as seguintes questões de pesquisa: Qual a importância dos

principais fatos da biografia e obra de Santa Teresinha do Menino Jesus? Quais são os principais conceitos de Bakhtin que servirão de base para analisar o *corpus*? Como ocorre o sentido de proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus apresentado por ela em seus escritos? A resposta para tais questões será calcada numa perspectiva bakhtiniana, tendo em vista que tais escritos foram produzidos se utilizando de um discurso religioso.

Estas questões de pesquisa são decorrentes, em primeiro lugar, do fato de que nos manuscritos de Santa Teresinha, que foram escritos direcionados a sua irmã, Madre Inês e a mais duas irmãs, tendo, assim, um caráter discursivo, demonstram uma peculiar ligação entre a ela e Deus descrita pela mesma; e, em segundo lugar, se os escritos têm caráter discursivo, a teoria bakhtiniana pode auxiliar no entendimento dos referidos textos, e dessa forma, contribuir com os estudos linguísticos dos discursos religiosos no âmbito católico. Reforçando, portanto, a importância desse trabalho.

Em relação à seleção do *corpus*, fez-se um recorte dos escritos de Santa Teresa do Menino Jesus que estão registrados no livro “História de uma alma” (1986). No total foram três manuscritos compilados em um único volume e, para esta presente pesquisa, foram selecionados fragmentos do primeiro deles, intitulado *Manuscrito A*, com base na teoria bakhtiniana. Esses fragmentos foram selecionados de acordo com o tema que apresenta: relatos biográficos importantes para a contextualização da análise e os determinados momentos nos quais Santa Teresa citou sua proximidade com Deus. Desse modo, essa pesquisa tem um caráter qualitativo documental de ordem teórica e analítica.

De acordo com as referidas questões e a seleção do *corpus*, objetivamos compreender como se dá o sentido de proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus apresentado por ela em seus manuscritos, com base na teoria dialógica do discurso de Bakhtin. Esperamos com esta pesquisa identificar e promover um entendimento da relação entre essa jovem e sua fé, pois ela dedicou a sua vida a Deus e a ajudar as pessoas. Espera-se também contribuir com mais uma pesquisa sobre os estudos linguísticos do discurso religioso no âmbito católico.

Temos como objetivos específicos: a) descrever fatos da biografia e obra de Santa Teresinha do Menino Jesus, afinal, por se tratar de escritos autobiográficos, um delineamento dos fatos de sua vida poderá contribuir com uma melhor compreensão dos seus textos; b) pontuar os principais conceitos da teoria dialógica de Bakhtin, como por exemplo, o ato responsável, o tom emotivo-volitivo, as vozes do discurso; que podem

auxiliar na compreensão dos fragmentos que demonstram a relação de Santa Teresinha com Deus; e, por fim, c) analisar fragmentos do *Manuscrito A* de Santa Teresinha do Menino Jesus que mostram como se constitui a proximidade de Santa Teresinha com Deus, à luz da teoria dialógica bakhtiniana, uma vez que a referida teoria auxilia a compreensão dos estudos dos gêneros discursivos.

No que diz respeito aos percursos metodológicos, para conseguirmos responder os questionamentos e objetivos, esta pesquisa está dividida em quatro capítulos, sendo o primeiro deles esta introdução e a descrição do percurso metodológico da investigação, no qual apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração deste trabalho – caracterização, contexto e critérios de coleta e descrição dos procedimentos analíticos.

No segundo capítulo, apontaremos reflexões sobre tópicos da perspectiva bakhtiniana: discurso e linguagem, isto é, uma topicalização dos principais conceitos de Mikhail Bakhtin que nortearam e embasaram a análise do *corpus*, como algumas considerações sobre a sua teoria dialógica do discurso; o ato responsável; o existir-evento; a definição de sujeito; os gêneros discursivos; o tom emotivo-volitivo; as vozes do discurso e uma descrição dos principais fatos biográficos de Santa Teresa.

Também será realizada uma contextualização de sua obra, a fim de que seus escritos e seu contexto de produção sejam melhor compreendidos visto que são registros autobiográficos de momentos que, segundo Santa Teresinha, marcaram-na profundamente, logo, a descrição de tais fatos biográficos se fazem essenciais para a realização da análise do *corpus*. Dentre esses conceitos frisamos o principal deles que norteiam todo o percurso analítico: o discurso. Esse conceito foi apresentado por Bakhtin em seu livro *Problemas na poética de Dostoiévski*. Bakhtin diz que discurso é

a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para nossos fins. (BAKHTIN, 2002, p. 207)

Assim, consideramos que os discursos de Santa Teresinha do Menino Jesus são dialógicos, interagem e perpassam outros discursos que, dessa forma, se constroem e se completam tornando-se um evento único e singular.

No terceiro capítulo, intitulado *A proximidade de Santa Teresinha do menino Jesus com Deus a partir dos seus escritos*, será realizada a análise dos fragmentos selecionados do *Manuscrito A* com base nos principais conceitos de Bakhtin expressando, assim, um olhar bakhtiniano da obra de Santa Teresinha do Menino Jesus, a fim de compreender sua aproximação com Deus, pois, como já foi dito, essa teoria em muito contribuirá para um entendimento efetivo dos escritos de Santa Teresinha.

E, por fim, no último capítulo seguem as considerações finais em que alguns conceitos descritos nos tópicos anteriores, assim como, os resultados da análise são recapitulados e discutidos novamente com caráter de conclusão a fim de expor uma compreensão acerca dos escritos de Santa Teresinha do Menino Jesus à luz da teoria dialógica do discurso e as possíveis contribuições desta pesquisa para os estudos linguísticos do discurso.

1.1 Percurso metodológico da pesquisa

Neste presente capítulo, descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa. Apresentaremos uma caracterização da pesquisa; como se deu a coleta de dados, bem como uma descrição delineada do corpus; as categorias de análise; e o passo a passo da realização deste trabalho que foram escolhidos para conseguirmos chegar às considerações finais.

1.2 Caracterização da pesquisa

Este presente estudo faz parte de uma área investigativa que busca compreender fenômenos da linguagem que são originados a partir de manifestações discursivas elaboradas por sujeitos inseridos num contexto social e empírico específico de seu meio. É pensando nisso que se pode afirmar que esta pesquisa está permeada pela concepção dos estudos dialógicos do discurso, pois, como diz BRAIT (2012, p.10): “diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”.

Para fundamentar as análises desta pesquisa, foram utilizadas as teorias de Análise dialógica do discurso bakhtinianas. Dentre as principais e essenciais estão: *Problemas da Poética de Dostoiévsky* (2002); *Para uma filosofia do ato responsável*

(2010); *Estética da criação Verbal* (2011); e a obra de Volóchinov: *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017) que são obras que são apontadas como relevantes e significativas referências dos estudos dialógicos da linguagem de Bakhtin. E qual é a importância desses estudos dialógicos para esta análise? Nas palavras do próprio Bakhtin:

É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego... está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico [...] (BAKHTIN, 2002, p.183, grifos do autor)

A natureza deste trabalho é qualitativa documental, pois de acordo com as palavras de Günther (2006), a compreensão e interpretação são o foco das pesquisas com esse caráter e ela “prefere estudar relações complexas ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis” (GÜNTHER, 2006, p.202).

Esse tipo de pesquisa analisa o *corpus* de forma intuitiva, mas com base em determinada teoria correspondente ao objeto de estudo da investigação. Portanto, por se tratar de uma investigação interpretativa, a pesquisa qualitativa documental dispensa análise estatística e numérica.

1.3 Descrição do *corpus*

No caso deste trabalho, o *corpus* documental escolhido diz respeito a um recorte dos manuscritos produzidos por Santa Teresinha do Menino Jesus em 1895, pois, esta pesquisa objetiva, de maneira geral, compreender o sentido de proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus.

O *corpus* foi selecionado a partir de uma edição do livro *História de uma alma: manuscritos autobiográficos*, publicado pela editora Paulus em 1986 que, segundo a editora, é fiel ao texto original e

a equipe organizadora do presente volume leva em conta esta dupla exigência:

- fidelidade ao texto autêntico produzido pela pena de Teresa, e pacientemente reconstituído em seu teor original, graças às pesquisas críticas do Padre Francisco de Santa Maria, editor dos *Manuscrits autobiographiques* (1956);
- fidelidade ao esquema da primeira edição de *L'Histoire d'une Ame* (1898), concebida pela Madre Inês de Jesus como uma biografia completa de Teresa, posta ao alcance de qualquer leitor. (SANTA TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p.05)

Essa obra de Santa Teresa do Menino Jesus diz respeito a uma compilação de três manuscritos escritos por ela entre 1895 e 1897 num total de 256 páginas. O primeiro manuscrito, intitulado *Manuscrito dedicado à Reverenda Madre Inês de Jesus (Manuscrito A)*, é composto de 178 páginas e conta fatos de sua biografia na época da infância e os caminhos que a levaram a tornar-se freira do Carmelo de Lisieux. O segundo manuscrito, intitulado *Carta à irmã Maria do Sagrado Coração (Manuscrito B)*, possui apenas 17 páginas e nele Santa Teresinha fala um pouco sobre seus desejos para o futuro e aspirações. O terceiro e último manuscrito chama-se *Manuscrito dirigido à Madre Maria de Gonzaga (Manuscrito C)*, possui 61 páginas e fala sobre a importância da caridade e sua vontade de contribuir de maneira significativa nesse sentido.

Dessa referida obra, recortamos vinte e quatro fragmentos – foram escolhidos aqueles que expressavam de maneira evidente a relação de Santa Teresinha com Deus – do “Manuscrito A” escrito para a Madre Inês, irmã de Santa Teresinha, que serão analisados conforme a teoria bakhtiniana para compreender-se melhor a proximidade que Santa Teresinha do Menino Jesus tinha com Deus. Apenas o primeiro Manuscrito (A) foi escolhido, em primeiro lugar, devido ao tamanho extenso do volume completo e o pouco tempo para a análise. E em segundo lugar, foi pelo fato de que no primeiro manuscrito há a presença de mais trechos que mostram a relação que Santa Teresa tinha com Deus, tendo assim, mais chances de compreender sua proximidade com ele.

Todos os manuscritos autobiográficos apresentam em seu conteúdo relatos pessoais do dia a dia de santa Teresinha de Jesus, mas o primeiro traz relatos mais alongados desde seu nascimento até seus primeiros anos como freira. E os momentos nos quais ela relata uma forte ligação com Deus dizem respeito a fatos específicos e

marcantes de sua breve vida. São esses temas que serão explorados e analisados com base nos fundamentos das ideias de Bakhtin para entender melhor essa relação.

1.4 Categoria e procedimentos de análise

Todo o procedimento metodológico da pesquisa resume-se no seguinte passo a passo: planejamento do projeto; seleção do objeto de estudo e delimitação do *corpus*; análise das informações e do *corpus*; interpretação dos dados; redação dos resultados. Todo o procedimento foi calcado pela teoria bakhtiniana de análise dos gêneros.

Assim, depois de definido o problema de pesquisa: como compreender como se dá a proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus apresentada por ela em seus escritos? Decidimos que, para responder a tal questionamento, teríamos como objetivo geral: compreender como se dá a proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus apresentada por ela em seus manuscritos, com base na teoria dialógica do discurso de Bakhtin. E para alcançarmos nosso objetivo, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) pontuar os principais conceitos da teoria dialógica de Bakhtin, como por exemplo, o ato responsável, o tom emotivo-volitivo, as vozes do discurso; que podem auxiliar na compreensão dos fragmentos que demonstram a relação de Santa Teresinha com Deus; b) descrever fatos da biografia e obra de Santa Teresinha do Menino Jesus, afinal, por se tratar de escritos autobiográficos, um delineamento dos fatos de sua vida poderá contribuir com uma melhor compreensão dos seus textos; e, por fim, c) analisar fragmentos do *Manuscrito A* de Santa Teresinha do Menino Jesus que mostram como se constitui a proximidade de Santa Teresinha com Deus, à luz da teoria dialógica bakhtiniana, uma vez que a referida teoria auxilia a compreensão dos estudos dos gêneros discursivos.

E, ao pôr em prática nossos procedimentos metodológicos, surgiram nossas categorias de análise: o tom emotivo-volitivo e as vozes do discurso. Estas categorias de análise caracterizam o sentido de proximidade de Santa Teresa do menino Jesus com Deus e são analisadas e identificadas no decorrer dos relatos descritos. Tudo isso, com o intuito de concluir a pesquisa trazendo no último capítulo desta dissertação os resultados e as considerações finais.

2 TÓPICOS DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA: DISCURSO E LINGUAGEM

Neste capítulo iremos refletir sobre alguns conceitos bakhtinianos essenciais para embasar nossa análise. Também descreveremos fatos biográficos de Santa Teresa do menino Jesus, pois auxiliará a interpretação dos dados da análise. Os conceitos bakhtinianos aqui explorados são de extrema importância para os estudos linguísticos do discurso, pois o objetivo principal do Círculo de Bakhtin era compor uma *prima filosofia* e com esse projeto surgiram diversos conceitos teóricos consagrados no âmbito linguístico, como: a arquitetônica do ato; a historicidade viva; o ser como evento único; o dialogismo do enunciado; dentre muitos outros. Bakhtin teve uma vida dedicada ao meio acadêmico sem muito reconhecimento enquanto estava vivo.

Suas obras e suas teorias marcaram sua vida como um percurso de intensa reflexão e crítica não só da linguagem como também de vários aspectos da vida do ser humano, o que fez dele um dos maiores e mais importantes “pensadores do século XX” (FIORIN, 2016, p.13). Nos tópicos que seguem serão descritos os principais conceitos da teoria bakhtiniana que servirão de base para a análise deste trabalho que estará localizada no capítulo 3 desta dissertação.

2.1 Teoria dialógica da linguagem

Para situar a relação do dialogismo com o contexto russo de Bakhtin, Sobral (2009) diz que surgiu em meados da década de 1920 com o interesse dos intelectuais pela dialogia/diálogo como um objeto de estudo da ciência, começando pelo diálogo verbal (face a face) e pela interação entre os participantes de tal diálogo. Nesse contexto, passou-se a atribuir ao povo a capacidade de se expressarem de uma maneira mais clara e objetiva expondo seus pensamentos e ideias observando esse fenômeno sendo manifestado tanto na escrita quanto oralmente. Foi a partir daí que a concepção de dialogismo começou a ser definida e foi chamada de dialógica

porque propõe que a linguagem (e os discursos) tem em seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas de exercício da linguagem. A subjetividade é entendida ao mesmo tempo em termos psíquicos, sociais e históricos,

em vez de puramente psicológicos, e é considerada a condição de possibilidade da subjetividade: o sujeito da linguagem, sujeito do discurso, é um agente – ou melhor, um *interagente* –, alguém que age na presença (que não é necessariamente física; [...]). (SOBRAL, 2009, p.32)

Então, de acordo com essa explicação de Adail sobral acerca do conceito de dialogismo segundo a perspectiva bakhtiniana, é possível refletir sobre o fato de que a relação dialógica é, em primeiro lugar, subjetiva, isto é, há fatores extrínsecos que participam dessa relação e em segundo, não é uma relação necessariamente física, “cara a cara”, pois

a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um dos enunciados. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218)

Desse modo, num enunciado, seja escrito ou verbal, o sujeito do discurso interage com diversas vozes para que aquele discurso em questão seja formulado. Por trás de um enunciado há uma interação entre o enunciado formulado, o contexto do enunciado e contexto do interlocutor, pois, este, fará sua interpretação desse enunciado de acordo com as vivências que teve. E seu enunciado também é perpassado por outras vozes de suas interações com outros enunciados.

E essas vozes podem agir e vir de diferentes lugares como, por exemplo, do contexto social no qual está inserido aquele sujeito produtor do discurso; também pode ser oriundo de outros textos e enunciados formulados por outros sujeitos, mas que, de alguma forma, tem relação ou importância para aquele primeiro sujeito e eles, para construir um sentido interagem entre si.

Essa interação discursiva é considerada pelo Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2017) um fato extremamente importante para a construção do sentido de um enunciado e ela é um dos conceitos que engloba diversos níveis de produção que ultrapassam a relação face a face entre esses sujeitos participantes dessa interação. Na figura a seguir, é possível observar quais são os quatro níveis de interação, de acordo com o Círculo de Bakhtin:

Figura 1 - Níveis da interação



Fonte: elaboração própria, a partir de Volóchinov (2017)

Em relação aos níveis da interação, Sobral (2009) diz que o nível 1 não deve ser considerado apenas em termos sociológicos ou empíricos, mas, principalmente focar nos indícios que se identifica no enunciado, ou seja, deve-se observar as marcas claras e objetivas de interação que aparecem no enunciado. O nível 2, é mais abstrato e se refere aos papéis e lugares sociais de cada indivíduo participante dessa interação, tanto entre eles como entre outros que também tem algum tipo de relação importante para o enunciado.

O nível 3, diz respeito ao cenário e ambiente onde estão inseridos esses sujeitos que interagem entre si e as influências dessa organização, histórica e social, que contribuem na constituição desses sujeitos. E, por fim, o nível 4, que é o nível mais amplo e engloba de forma generalizada, a cultura, as relações culturais de diferentes ou iguais épocas que conversam entre si ou discordam em algum ponto, mas essa concordância ou discordância são essenciais para a construção do sentido do enunciado.

O conceito de dialogismo é um dos principais temas da arquitetura de Bakhtin, construída no seu *Círculo*. Mas o que é arquitetura? A arquitetura de Bakhtin pode ser compreendida como uma teoria que abrange as suas categorias filosóficas conceituais que refletem e buscam entender o mundo por meio dos sentidos produzidos pelos enunciados concretos. Essa arquitetura está relacionada ao todo cultural e social e com fatores estéticos e éticos que se expressam no ato responsável da interação

discursiva. É uma teoria que ordena o significado e sentido dos gêneros discursivos presente na interação comunicativa do homem.

Segundo ele, toda língua, em seu uso efetivo, é dialógica. Mas em que sentido tal afirmação é construída? Quando ele faz essa afirmação não está falando de um diálogo necessariamente face a face, mas sim de uma forma apenas “composicional”.

A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica. Porém, esta é uma forma particular de dialogicidade não intencional (BAKHTIN, 1997, p. 345-346).

Isto quer dizer um enunciado ao ser realizado teve como ponto de partida um outro enunciado já dito, outra interação com um outro sujeito que realizou um outro discurso anterior. Significa dizer que todo enunciado é transpassado por outro anterior dando, assim, um caráter dialógico a ele. Os discursos são criados a partir de discursos alheios. Eles sofrem influências de outras ideias, opiniões, julgamentos e pensamentos já manifestados por outros discursos anteriores, ou seja, “toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras” (FIORIN, 2016, p.22). E o efeito de sentido é construído pela experiência dos sujeitos em interação; o contexto é muito importante para que o enunciado faça sentido.

Algumas interpretações das obras bakhtinianas concluem que o autor rejeitava o estudo da língua (fonologia, morfologia, sintaxe), porém, não é isso o que ele diz no livro *Estética da criação verbal* (2011). Bakhtin afirma apenas que esse tipo de estudo não indica o verdadeiro uso da linguagem. As unidades da língua são completas e acabadas, mas os enunciados estão sempre relacionados com outros enunciados. Estes, se completam quando dão a vez para uma resposta de um outro enunciado com o qual relaciona-se e que também possui em si vestígios de outros enunciados. É por tal ideia que os enunciados são considerados, por Bakhtin, eventos únicos e irrepetíveis. Para o teórico russo, não se pode isolar um discurso nele por si só; deve-se considerar todos os elementos externos que circundam esse discurso, afinal, como já foi discutido, todo discurso é perpassado por outros discursos e por outros contextos resgatando, aqui, o conceito de dialogismo.

Fiorin (2016), realiza uma interessante análise da ideia bakhtiniana de dialogismo e faz isso apontando três conceitos possíveis dessa teoria; e em relação ao

primeiro conceito, chamado de *Dialogismo Constitutivo* diz que se trata da ideia de que todos os enunciados são constituídos a partir de outros enunciados, ou seja, em cada enunciado ao ser produzido possui marcas e embasamento em outro enunciado que foi produzido num momento anterior e este, por sua vez, também foi produzido com base em outro enunciado anterior, mas essas marcas constituintes não aparecem durante o discurso. E, nesse ciclo, observa-se o primeiro conceito dialógico.

No que diz respeito ao segundo conceito de dialogismo, que pode ser intitulado de *Dialogismo Composicional*. Nesse conceito de dialogismo, o enunciador incorpora o discurso de outrem em seu discurso e deixa “pistas” de tal existência. Para tão fenômeno Bakhtin indica dois tipos de discurso: o objetivado e o bivocal. O primeiro, trata de clara separação entre os autores de cada discurso. Em outras palavras, as marcas de um discurso anterior dentro de certo discurso, fica evidente em sua produção. Essas marcas podem ser: discurso direto, discurso indireto, aspas, negação. Já o segundo no tipo de discurso, as autorias das citações não são claramente separadas. É o caso da paródia, estilização, polêmica clara, polêmica velada, discurso indireto livre.

E, por fim, o terceiro conceito de dialogismo, que afirma que o dialogismo é o *princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação* (FIORIN, 2016, p.60). Esse conceito aponta para o fato de que o sujeito é um ser que foi formado ao longo da sua vida e, nesse percurso, passou por várias experiências e vivências que fizeram dele um ser único e peculiar. Ele absorve as *vozes sociais* e sempre está em contato com outros seres e com outras vozes sendo, assim, uma relação que não está fechada ou acabada, mas sim em constante construção do conteúdo discursivo de sua consciência, tornando cada evento discursivo do qual participa, único e irrepetível. É por isso que no próximo tópico discutiremos sobre quem é esse sujeito, o que ele produz e pelo que ele é responsável.

2.2 O ato responsável, o existir-evento e o sujeito na teoria bakhtiniana

Bakhtin considerava-se um filósofo, mais especificamente, um filósofo da linguagem. E, como um filósofo, em sua obra, *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), ele faz uma reflexão sobre o papel social do sujeito e suas relações discursivas com outros sujeitos. Para o filósofo russo, o sujeito é um ser único e singular e todos os

discursos que ele produz são produzidos com base nessa unicidade que cada um possui tornando, por conseguinte, o discurso um evento único também:

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. (BAKHTIN, 2010, p.44)

Quando Bakhtin (2010) fala das interações nos enunciados, ele apresenta a tríade bakhtiniana: eu-para-mim, o-outro-para-mim e eu-para-o-outro. O primeiro termo diz respeito à própria consciência do ser singular, de toda sua carga particular de vivências; o segundo termo, tratada atitude do outro com o ser, ou seja, aquilo que um sujeito recebe do outro sujeito; e o terceiro é a atitude (iniciativa) ou a resposta do ser para o outro. Bakhtin fala sobre a responsabilidade que o sujeito tem em seus atos. Considerando “ato” como o momento de produção de um enunciado.

E quando ele diz “ato responsável”, quer dizer que o sujeito não é assujeitado; quer dizer que ele não é “submisso às estruturas sociais” (FORIN, 2016, p.60). Ele pode realizar escolhas e tem um papel a ser cumprido, que só ele pode realizar, esse é o “existir-evento”, o momento único e irrepitível do ato do enunciado. Tem dever e responsabilidade social que são particularidades de cada ser. Dever esse, que é ligado ao ato, “não a uma lei abstrata do ato, mas sim o dever real, concreto, condicionado pelo lugar que somente ele ocupa no contexto dado do evento” (BAKHTIN, 2010, p.83). “Ato responsável” também quer dizer que o ato é responsivo. Que dá e recebe uma resposta. O sujeito responde aos atos dos outros sujeitos e recebe respostas desses sujeitos. Então, essa expressão tem o sentido de responsabilidade e responsividade.

Bakhtin reflete, também, sobre o fato de que o sujeito participa de um evento-ato de uma forma única, particular e irrepitível. Tal ato só pode ser realizado por ele, pois, com toda sua singularidade, esse sujeito é insubstituível e ninguém, nunca, pode ocupar o seu lugar único, ou seja, é um *não-álibi*¹ do sujeito. Ele não pode fugir dessa responsabilidade porque nenhum outro sujeito poderá realizar esse ato em seu lugar, afinal, “nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de

¹ Termo utilizado por Bakhtin em *Para uma filosofia do ato responsável*, para descrever o fato de que o sujeito não pode fugir de sua responsabilidade, ou seja, não possui um “álibi” para não cumprir seu dever.

um existir único” (BAKHTIN, 2010, p.96), isto é, cada sujeito é diferente do outro, possui um conteúdo empírico diferente do outro e ocupa um lugar diferente do outro. E isso vai interferir no gênero discursivo do qual o enunciado produzido faz parte. No tópico a seguir, veremos que cada gênero discursivo tem uma finalidade que interage com o enunciado produzido através dele.

2.3 Os gêneros discursivos

Para Bakhtin (2011), a língua faz parte da vida do ser humano em todos os aspectos, pois é através dela que ele consegue passar para outro ser humano os seus pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos em relação a alguma situação, portanto, “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 2010, p.279). Essa afirmação do filósofo russo traz uma reflexão para o fato de que há inúmeras necessidades de expressão utilizando a língua por parte dos seres humanos, há, então, inúmeros gêneros discursivos para representar cada uma delas nas esferas da atividade humana e cada um desses gêneros terá um conjunto de características específicos e particulares para validar e passar sua mensagem de maneira efetiva.

Sobre o conceito bakhtiniano de gêneros do discurso, Fiorin diz que “os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção posicional e um estilo” (FIORIN, 2016, p.68). Isso significa dizer que os gêneros possuem uma forma específica que é produzida dentro de determinada esfera da atividade humana e que esse gênero sempre irá manter suas características de acordo com essas esferas, mas se essas esferas se modificarem, o gênero dessa específica esfera poderá modificar-se acompanhando, daí o conceito de “relativamente estáveis”. Esse fato acontece porque o conjunto de características específicas de cada gênero, está totalmente ligada à sua função, isto é, sua estrutura composicional está ligada ao seu objetivo linguístico, ao tipo de mensagem que se pretende emitir.

Luiz Antônio Marcuschi possui um pensamento semelhante ao de Mikhail Bakhtin no que diz respeito aos gêneros discursivos. Segundo Marchuschi (2008), os gêneros são produzidos dentro da cultura humana e esta, por sua vez, pode sofrer alguns tipos de modificações de acordo com a sociedade na qual está inserida e também com o contexto histórico do qual faz parte, mas suas características de base, ou seja, as que

estão relacionadas com o objetivo e função da expressão linguística específica, permanecem estáveis. Nas palavras dele, “os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva” (MARCUSCHI, 2008, p.29). Ou seja, os gêneros são utilizados para tornar legítimo certa manifestação linguística do ser humano que possui uma função contextual e, para tal, constitui-se de específico conjunto de características. Como por exemplo, a carta, que é um gênero que possui características específicas – que a caracteriza como carta – e tem um objetivo social e comunicativo específico.

2.3.1 O gênero Carta com base em Bakhtin: composição e forma

Para definir a natureza dos gêneros do discurso, Bakhtin (1997) os dividiu em dois grandes grupos: os *gêneros de discurso primário* e os *gêneros de discurso secundário*. Sobre isso, ele diz que os gêneros secundários são aqueles de forma mais complexa, com uma carga cultural mais desenvolvida e com maior evolução (teatro, romance, discurso científico); já os gêneros primários, possuem uma natureza mais simples, mais cotidiana, “se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” (BAKHTIN, 1997, p.281), como por exemplo, a carta. Esta, porém, mesmo tendo uma natureza espontânea e cotidiana, passou a ser utilizada em determinadas situações para fins mais complexos como, por exemplo, documentos jurídicos. Mas o que importa aqui, nesta pesquisa, é sua essência imediata e espontânea.

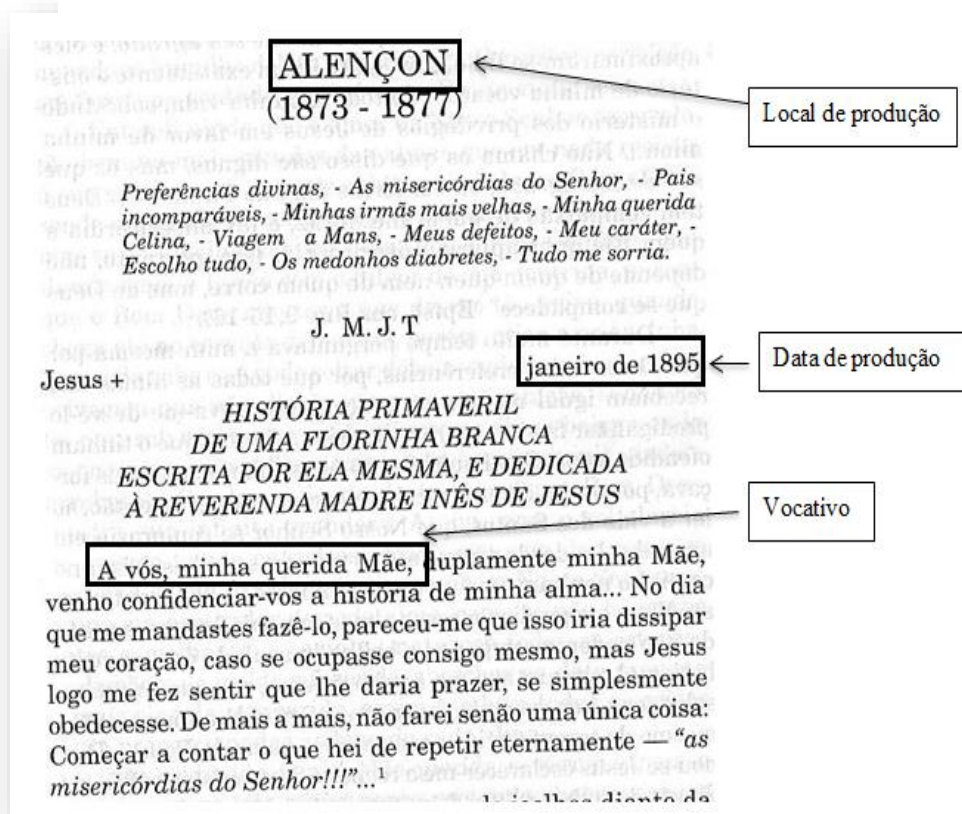
Não se pode negar que o gênero carta é um dos gêneros mais antigos utilizado pelos seres humanos do mundo inteiro. Esse gênero textual possibilitou a comunicação discursiva entre pessoas que estavam a quilômetros de distância uma das outras, principalmente na época na qual não existiam outros meios de comunicação que permitem esse tipo de comunicação, como o computador e telefone celular. A carta não tinha o propósito apenas de manter uma interação entre pessoas à longa distância, mas também foi utilizada para registrar leis e decretos, escrever documentos jurídicos, textos católicos, etc. É sem dúvida um gênero que faz parte da história do ser humano.

Os gêneros não surgem do nada, não aparecem prontos. De acordo com a frequência de sua prática pela sociedade e da sua necessidade, as características de determinado gênero vão tomando forma e constituindo específico padrão estrutural. Bakhtin (2011), diz que

A diversidade dos gêneros do discurso é muito grande. Toda uma série de gêneros sumamente difundidos no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual dos falantes se manifesta na escolha de um determinado gênero e ainda por cima na sua entonação expressiva. (BAKHTIN, 2011, p. 283)

Com a carta não poderia ter sido diferente. Por ser um gênero que possui uma função discursiva de representar uma conversa entre dois sujeitos – um remetente e um destinatário –, sua forma se aproxima do ato real de ter uma conversa com alguém e, portanto, no seu início aparece um vocativo, e no final, uma saudação e despedida, assim como, expressões que representam marcas da oralidade. Outro ponto marcante é a indicação da data e do local onde ela foi produzida. Característica, essa, que se relaciona com o fato de que as cartas eram enviadas, geralmente, para lugares distantes, e antigamente o transporte não era rápido e passavam-se dias para chegar ao local pretendido, por isso fazia-se necessário a indicação exata de quando e em que local foi escrita, pois, diferentemente dos meios de comunicação que temos na atualidade, nossas mensagens chegam ao destinatário instantaneamente. Na figura a seguir, retirada do *Manuscrito A* de Santa Teresa do menino Jesus, observa-se evidências do gênero carta:

Figura 2: Trecho inicial do Manuscrito A



Fonte: Elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS (1986, p. 25)

Identificam-se, na figura acima, características típicas do gênero carta: local e data de produção no início do texto; vocativo, referindo ao destinatário do texto. Esses aspectos são padrões da estrutura da carta que foram sendo formalizados com o passar do tempo e até hoje se mantêm um padrão específico para esse gênero, sendo, portanto, possível de identificar o gênero e o objetivo comunicativo do remetente.

Outro ponto importante a ser tratado sobre a carta é o conteúdo. Pois, “a forma não pode ser entendida independentemente do conteúdo” (BAKHTIN, 2011, p. 177). E por ser um gênero discursivo, a carta representa uma “conversa à longa distância” e, por esse motivo, tem um conteúdo específico e “íntimo” entre os interlocutores. Esse conteúdo vai variar tanto em relação ao contexto de produção da carta e assunto a ser tratado, como também, ao grau de intimidade entre os sujeitos participantes dessa interação. Sobre isso, Bakhtin (2011) afirma que a forma de um gênero é regida por um determinado conteúdo e por condições de elaboração específicas.

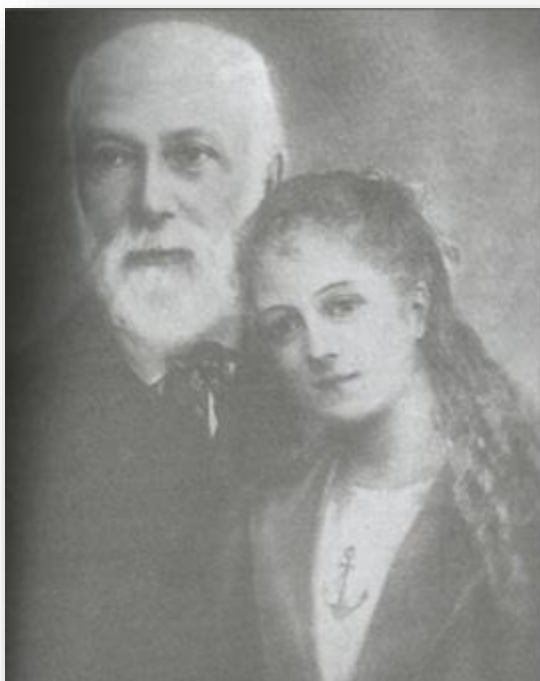
Portanto, é por esse motivo que no próximo tópico traçamos um caminho biográfico da vida de Santa Teresinha do menino Jesus, para contextualizarmos tanto as suas condições de produção do manuscrito, como também, entendermos melhor os fatos citados por ela em seus escritos.

2.4 Caminhos biográficos de Santa Teresinha do Menino Jesus: em busca de uma contextualização

Este tópico tem grande relevância para este estudo porque toda a análise realizada é calcada nos fatos biográficos de Santa Teresinha citados por ela mesma em seus manuscritos. Por isso se faz necessário esse levantamento biográfico para compreendermos de maneira mais eficaz a significância dos relatos em seus escritos e contextualizá-los.

Toda sua história inicia na França, na cidade de Alençon, no dia 02 de janeiro de 1873. Maria Francisca Teresa Martin, assim batizada dois dias depois de nascida, cresceu num ambiente afetuoso e foi educada por seus pais sob valores cristãos bastante rígidos. Nas imagens a seguir pode-se observar Teresa com seu pai (figura 3) e Teresa com sua mãe (figura 4):

Figura 3 - Teresa e seu pai



Fonte: TERESA DO MENINO JESUS (1986)

Figura 4 - Teresa e sua mãe



Fonte: TERESA DO MENINO JESUS (1986)

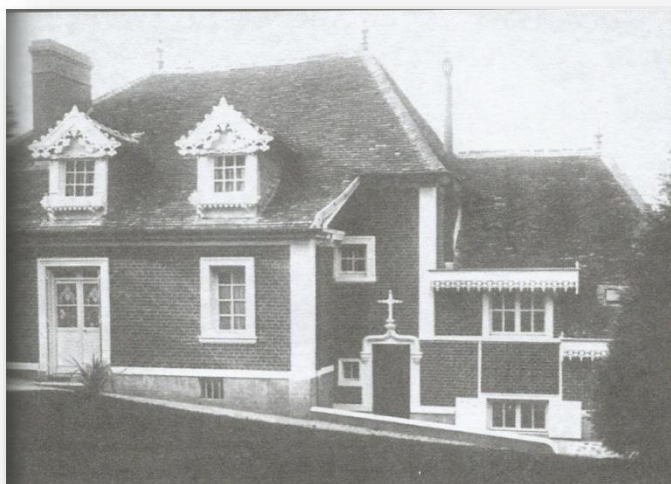
Seus pais, Luís e Zélia Martins, tiveram nove filhos dos quais apenas cinco mulheres sobreviveram e todas elas dedicaram-se à vida religiosa. Isso ocorreu porque a mãe delas tinha um desejo frustrado de dedicar sua vida à religião, por isso rogou a Deus por uma grande prole e prometeu que todos iriam dedicar-se à vida religiosa. E assim foi feito. Maria tornou-se irmã Maria do Sagrado Coração; Teresa, que era a caçula, tornou-se a irmã Teresinha do menino Jesus; Paulina, a Madre Inês de Jesus; Leônia, a irmã Maria Francisca Teresa; e Celina, a irmã Genoveva da Sagrada Face.

Em seu primeiro ano de vida, Teresa passou por momentos delicados por causa de graves complicações de enterite, mas que logo foram superadas. A partir daí ela teve uma feliz infância; era uma criança esperta e alegre. Em seus escritos, Teresa deixava claro suas lembranças felizes de quando era criança: “Ah! Como se foram rapidamente os ensolarados dias de minha meninice, mas que doce impressão me deixaram na alma!” (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p.13). Infelizmente, aos quatro anos de idade, aconteceu sua primeira tristeza profunda: a morte de sua mãe. Em 1877, Zélia Martin, faleceu por causa de um câncer e todo amor que tinha por sua mãe foi transferido para sua irmã Paulina:

Frequentemente ouvia dizer que Paulina seria religiosa, e, então, sem saber o que significava isso, pensava: Eu também serei religiosa. Esta é uma de minhas primeiras recordações e, desde então, nunca mudei de intenção... Fostes vós, querida Madre, a pessoa que Jesus escolheu para me fazer noiva dele; não estavas na ocasião perto de mim, mas já se havia formado um laço entre nossas almas... Éreis meu ideal, eu queria parecer-me convosco, e foi o vosso exemplo que me atraiu, desde os dois anos de idade, ao Esposo das virgens. (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p.06)

Após a morte de sua mãe, Teresa e sua família foram morar na cidade de Lisieux, pois lá viviam os familiares de Zélia Martin. Seu pai conseguiu um bom emprego por lá e alugou uma bela casa de campo chamada *lesBuissonnets*(ver figura 6). Com essa mudança, Teresa passa a estudar em casa com uma professora particular até os nove anos de idade.

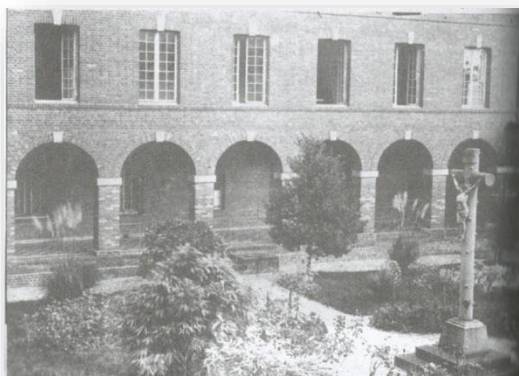
Figura 5 - Casa onde Santa Teresa morou em Liseux



Fonte: TERESA DO MENINO JESUS (1986)

E é nessa idade que ela tem sua segunda tristeza profunda de vida: Paulina, sua irmã querida que era considerada como uma segunda mãe para Teresa, sai de casa e entra para o convento de Lisieux (figuras 6 e 7) sendo, assim, uma grande perda, pois Paulina era sua companhia e “porto seguro”:

Figura 6 - Carmelo de Lisieux (pátio)



Fonte: TERESA DO MENINO JESUS (1986)

Figura 7 - Carmelo de Liseux



Fonte: TERESA DO MENINO JESUS (1986)

Ela passa por um momento de muita aflição, pois tinha muito carinho por essa irmã. E é nesse momento que, segundo seus relatos autobiográficos, que ela tem seu chamado divino para entrar para um convento. Mas, ao tentar entrar, recebe a notícia de que terá que esperar completar dezesseis anos.

Em seguida, Teresa passa a estudar numa escola coordenada por freiras beneditinas na Abadia de Notre-Dame-du-Pré, onde, segundo seus relatos, foram terríveis momentos de sua vida. Se sofrimento nesse período se deu pelo fato de que ela estudava com meninas mais velhas e era uma das melhores da turma, por isso algumas meninas implicavam com ela. Teresa também não se adaptou às atividades dessa escola e não conseguia se enturmar.

Aos dez anos de idade ficou gravemente doente a tal ponto que não conseguia falar, mas nenhum médico chegou a descobrir qual era a doença. Até que ela foi milagrosamente curada por um sorriso de uma imagem de Maria Santíssima que ficava no seu quarto, na casa onde morava com sua família. E essa imagem foi nomeada por ela como a “Virgem do sorriso” e ganhou sua devoção por toda vida.

Sua primeira comunhão aconteceu aos doze anos, um momento muito especial de sua vida. É nesse dia que ela tem a certeza do seu destino: servir à Deus. Segundo suas próprias palavras eram uma “chama que a queimava”. Estava decidida de que essa era sua vocação. Nesse período ela passou a levar flores todos os dias e oferecia à imagem do Menino Jesus. “É justamente dessa forma que o simbolismo da flor se fará presente na espiritualidade de Teresinha” (ROSSI, 2014, p. 15).

Sua dedicação à vida religiosa só aumentou daí em diante. Sempre gostou muito de ler, principalmente, textos cristãos. Suas leituras favoritas eram a bíblia, diversos textos de São João da Cruz e o livro, considerado um dos mais traduzidos mundo, “A imitação de Cristo” escrito pelo Padre Thomas de Kempis. Essas leituras acompanharam Teresinha até os últimos dias de sua vida; dizia sempre que nesses escritos havia encontrado “alimento sólido e puro” para seu espírito e que a palavra de Deus a orientava ensinando o fazer e dizer.

Aos quinze anos seu desejo de entrar para o convento estava mais forte do que nunca e decidiu, então, contar a seu pai. Este, ficou muito feliz por saber que mais uma, a terceira, de suas filhas iria entrar para o Carmelo. Porém, receberam a triste notícia de que ela não poderia entrar no Carmelo de Lisieux até que completasse vinte e um anos. Iniciou-se a partir daí uma grande batalha para conseguir essa permissão. Tentaram falar com o superior eclesiástico do Carmelo e em seguida com o Bispo de Lisieux, mas não obtiveram nenhum êxito. Até que conseguiram uma audiência com o papa. Lá, pesquisaram a vida de Teresinha e perceberam que essa era, realmente sua vocação, e, em 1888, aos dezesseis anos, Teresinha consegue entrar para o Carmelo de Lisieux. Ela escolhe o nome Teresinha do Menino Jesus, devido a sua forte ligação com Deus. No dia 10 de janeiro de 1889 recebeu seu Hábito de Ordem (figura 8):

Figura 8 - Santa Teresa com seu hábito



Fonte: TERESA DO MENINO JESUS (1986)

O momento da solenidade foi seu último momento com seu pai, que depois desse dia, ficou cada vez mais doente e, sem conseguir nenhum indício de melhora, veio a falecer. Um período de muito sofrimento para Teresinha.

A partir do ano de 1895, Teresinha passou a escrever sua autobiografia a pedido da Madre Inês de Jesus. No início, ficou um pouco apreensiva de se perder na escrita de seus textos e deixar de lado seus afazeres, mas, compreendeu logo em seguida a importância de seus escritos que, segundo ela, era contar “as misericórdias do senhor” (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p.25). Seu comportamento no Carmelo era de total dedicação realizando diversas tarefas diárias. Sempre com humildade e paciência. Seu objetivo era dar tudo de si em serviço à comunidade. Tudo o que sabia ou podia realizar, ela fazia para servir a todos ao seu redor. Essa era sua satisfação e vocação.

Ser missionária era um desejo profundo que ela nutria a um bom tempo desde que sua irmã mais velha, Inês, passou a dedicar-se à igreja como freira. Ainda criança já admirava sua irmã por isso e sentia que também tinha a mesma vocação. Mas ao tentar entrar para o grupo de freiras missionárias, Teresa não conseguiu. Foi impedida, pois perceberam que sua saúde não estava muito boa:

Bem o sabeis, minha querida madre, vossa aspiração apostólica encontra em minha alma um eco muito fiel. Permiti-me que vos conte porque desejei e ainda desejo, caso a Santíssima virgem me cure, abandonar, em favor de uma terra estranha, o delicioso oásis onde vivo tão ditosa sob o vosso maternal olhar. Dissestes-me que eu tinha vocação e que o único obstáculo seria minha saúde. (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p.129)

Esse acontecimento a deixou um pouco triste, mas se conformou e sempre orava por todos os missionários e todos aqueles que seriam convertidos, mesmo sem nunca ter saído do convento para uma missão se quer. Por esse motivo, foi declarada Padroeira Universal das Missões.

A cada ano sua saúde piorava. E no ano de 1896, aos 23 anos, descobriu-se que ela estava com Tuberculose, doença sem cura, na época. E, com o agravamento da doença, foi transferida para a enfermaria do convento. Lá colocaram uma imagem da Virgem do Sorriso, a quem era muito devota. Em momento algum teve medo ou culpava Deus.

Figura 9 - Santa Teresa aos 23 anos



Fonte: TERESA DO MENINO JESUS (1986)

Permaneceu serena e paciente mesmo com tanto sofrimento. E, no dia 30 de setembro de 1897, aos vinte e quatro anos, olhando para a imagem da Virgem, faz suas últimas preces e morre. No dia 17 de maio de 1925 foi canonizada pelo Papa Pio XI e em 1951, após a morte de sua irmã mais velha, Paulina, foi possível ter acesso a seus manuscritos.

2.4.1 Descrição dos seus escritos

Desde muito nova Teresa demonstrava interesse por leitura. Seus livros inseparáveis eram a Bíblia Sagrada e “A imitação de cristo”, dos quais, segundo Rossi (2014), já havia decorado vários trechos. Posteriormente, passou a ler textos escritos por religiosos católicos como, por exemplo, as obras de São João da Cruz. Todas essas leituras podem ter contribuído para o gosto pela escrita quando Teresa estava no Carmelo. É muito provável que a atitude de começar a escrever sobre sua vida e seus

dias, tenha origem no hábito que sua mãe, Dona Zélia, demonstrava quando ainda estava viva. Em alguns trechos dos manuscritos de Teresa, é possível perceber que sua mãe deixou, também, alguns escritos falando sobre sua vida:

No final da carta, mamãe acrescentava: «Eis que o bebezinho acaba de passar a mãozinha sobre o meu rosto e me beijar. Esta pobre pequena não quer me deixar nem por um instante e não sai de perto de mim. Gosta muito de ir ao jardim, mas se eu também não for, ela não quer ficar. Começa a chorar e só para quando a trazem a mim". (TERESA DO MENINO JESUS, 1986, p.05)

Começou a escrever por estímulo da Madre Inês de Jesus, que era sua irmã Paulina. E, por esse motivo, seus manuscritos foram escritos em forma de carta e todos direcionados a suas irmãs. Um para a Madre Inês de Jesus, outro para a Irmã Maria do Sagrado Coração e o último para a Madre Maria de Gonzaga. No total foram escritos três manuscritos autobiográficos nos quais, Teresa relata fatos da sua vida desde seu nascimento até dias próximos a sua morte e, também, situações cotidianas do presente. Após a sua morte, seus manuscritos foram reunidos por sua irmã Paulina e foram nomeados de Manuscrito “A”, Manuscrito “B” e Manuscrito “C”.

Todos com conteúdo semelhante onde Teresa relata vários fatos biográficos, contam suas angústias, dúvidas e medo durante sua vida no Carmelo, falava também sobre as alegrias de sua vida e, principalmente, sobre sua vocação de servir a Deus. Ela deixa bem claro, durante todos os manuscritos, a certeza de que nasceu para viver no Carmelo servindo a Deus e à comunidade. Paulina reuniu todos os manuscritos num único volume de 474 páginas que foi publicado, inicialmente em 1898 com o título “História de uma alma”.

Mas, devido ao sucesso de vendas, foi realizada uma nova edição no ano de 1900. E nos anos seguintes passou a ser traduzido em diversas línguas: inglês, alemão, italiano, espanhol, português, japonês e russo; disseminando, assim, os escritos de Santa Teresinha do Menino Jesus possibilitando que todos possam conhecer sua história. Diante de toda a sua história de vida e realizações, o Papa Pio XI, beatificou Teresa de Lisieux em 29 de abril de 1923 e em 17 de maio de 1925 ela foi canonizada. Segundo a igreja católica, Santa Teresa do menino Jesus é considerada a padroeira das floristas, aviadores e, também, das missões religiosas e das doenças.

Mas sobre tudo, ela foi considerada pelo Papa Pio XI, um exemplo de amor e confiança em Deus que deve ser seguido por todos. Depois desta apresentação detalhada da biografia de Santa Teresinha, podemos entender melhor as descrições que ela faz de

suas experiências de vida e irá nos auxiliar na identificação e compreensão do modo com ela realiza tal descrição, pois, por ser relatos de fatos pessoais, ela utiliza uma linguagem carregada de um tom emocional. E para compreender melhor esse fato, no tópico seguinte refletiremos sobre as características do tom emotivo-volitivo apresentado na teoria de Bakhtin.

2.5 O tom emotivo-volitivo em Bakhtin

Cada uma das palavras que compõe um enunciado possui um significado próprio e é utilizada de acordo com sua função e a mensagem que carrega. Mas o uso de cada uma delas dentro de um evento será particular e singular para aquele evento específico, pois há uma relação de afetividade entre o sujeito que age nesse evento e modo que ele decide agir. Em relação a isso, segundo Bakhtin (2010), todo o evento realizado pelo ser, quando expressado em sua plenitude, carrega consigo um tom *emotivo-volitivo* que é a afetividade presente no ato do existir-evento, e este, por sua vez, se constitui por seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito) e o aspecto emotivo-volitivo (entonação da palavra), formando, assim, o caráter único e irrepetível do ato responsável, pois:

O tom emotivo-volitivo é um momento imprescindível do ato, inclusive do pensamento mais abstrato enquanto meu pensamento realmente pensado, isto é, na medida em que o pensamento venha realmente a existir, se incorpore no evento. Tudo isso com que venho a ver, me é dado em certo tom emotivo-volitivo, já que tudo me é dado como momento do evento, do qual eu sou participante. (BAKHTIN, 2010, p.86)

É esse tom emotivo-volitivo, apresentado por Bakhtin, que orienta o conteúdo-sentido do discurso no existir-evento. Não há como separá-los do ato, pois, juntos, dão um significado único ao enunciado marcando, dessa maneira, sua singularidade e sua forma irrepetível. Por exemplo, na frase “esse menino é tão quietinho!”, se ela for analisada de forma isolada, apenas de acordo com a gramática e seus significados, terá um sentido específico para esse momento. Mas, se na situação em que foi realizada, o enunciador utilizou uma entonação diferente ao emití-la, o significado original irá mudar, pois se é dado um tom irônico na fala, na verdade, o que se dizer é o contrário do que foi dito, portanto, a criança não é quietinha, e sim, muito agitada. Então, o tom

que é dado ao momento em que o discurso é realizado não pode ser desconsiderado, uma vez que faz parte, essencialmente, desse discurso específico e único.

Esse conceito bakhtiniano, do tom emotivo-volitivo, é extremamente importante para os estudos no campo linguístico, pois é um recurso muito utilizado nos discursos realizados pelos falantes. Esse tom emotivo-volitivo dá uma característica única a cada enunciado produzido e cada em momento ele é emitido de uma forma diferente, com uma intenção diferente, pois ele “envolve o conteúdo inteiro do sentido do pensamento na ação e o relaciona com o existir-evento singular “ (BAKHTIN, 2010, p.87). É uma relação de intimidade entre o sujeito, o conteúdo do pensamento desse sujeito e o tom emotivo-volitivo do enunciado que ele emite para um interlocutor.

Bakhtin discute ainda, sobre esse tema, o fato de que o tom emotivo-volitivo não é produzido necessariamente com base no contexto da cultura. Essa cultura é muito importante nos discursos realizados por um determinado sujeito e ela faz parte dessa relação. Mas a afirmação do tom emotivo-volitivo se faz, principalmente, no momento exato e único daquele existir-evento. Já o contexto da cultura, está presente no existir do ser, em sua formação, na construção desse ser único e singular que irá produzir enunciados únicos e singulares e é nesses enunciados únicos e singulares que o tom emotivo-volitivo é incorporado ao existir-evento unitário.

A ideia sobre o tom de valoração do referido autor é discutida também em Valóchinov (2017) quando surge a reflexão sobre a relação entre o signo ideológico e o círculo social do qual cada indivíduo faz parte. “O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu auditório social estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc” (VALÓCHINOV, 2017, p.205). Essa relação diz respeito ao fato de que um determinado grupo social ou determinada época social imprimem uma valoração particular e significativa no signo ideológico interferindo e dando uma valoração única ao ato enunciativo entre os interlocutores.

Essa é a relação entre o “eu-para-mim” e o “eu-para-o-outro” da arquitetura de Bakhtin. Nessa situação quando o sujeito assume o seu *não-álibi* no existir-evento, ele assume sua responsabilidade no ato e o “eu-para-mim” representa minha afetividade com meu pensamento e o tom emotivo-volitivo que dou ao enunciado. E esse enunciado tocará o sujeito, isto é, o “eu-para-o-outro”, mas o tom dado ao enunciado recebido pelo “outro” não terá uma relação tão íntima quanto o pensamento e o tom emotivo-volitivo utilizado pelo sujeito que o emitiu.

É justamente esse fato que torna o ato responsável único, singular, pois a forma como se deu o tom emotivo-volitivo do conteúdo do pensamento em determinado evento, jamais será realizado exatamente da mesma forma, ou seja, é irrepetível. Assim como o tom valorativo utilizado num discurso traz uma característica peculiar, as vozes que perpassam esse discurso, também trazem isso. No tópico a seguir iremos refletir sobre essas diversas vozes que podem ser identificadas ou não num discurso.

2.6 Polifonia em Bakhtin: as vozes que perpassam o discurso

Conforme a teoria bakhtiniana, o dialogismo diz respeito ao fato de que todo enunciado é construído a partir de outros enunciados já formulados anteriormente, ou seja, quando um enunciado é produzido há nele indícios e influências de outros enunciados anteriores correspondentes a contextos diferentes.

A esses outros discursos que perpassam novos discursos, Bakhtin (2010) os chama de “vozes”. Essas “vozes sociais” fazem parte do conceito bakhtiniano de polifonia e é discutido por ele em sua obra “Problemas da Poética de Dostoiévski” (2002). Ele diz que a polifonia é a interação de diversas vozes que constituem um enunciado e é nessa interação discursiva polifônica que o sujeito vai se constituindo na sua discursividade.

Portanto, num determinado discurso, há a presença de várias vozes por traz dele. Essas vozes são extremamente importantes para aquele discurso em questão, pois fazem parte da constituição da sua história, elas resultam de toda a vivência do indivíduo e é isso que o torna singular.

De acordo com o que diz Fiorin (2016), essa pluralidade de vozes é que vai constituindo os enunciados de um sujeito. Isto quer dizer que esse sujeito absorve em seus discursos e nos discursos de outros, inúmeras vozes que o constitui.

Essas relações dialógicas das quais o sujeito faz parte são as responsáveis por sua formação. Elas são oriundas de diversas áreas da vida desse sujeito, pois elas surgem de experiências atuais, de um contexto social, da sua história, de experiências antigas, leituras etc.

As vozes do discurso constituem-se a partir da interação entre sujeitos que possuem uma posição social individual e que traz toda essa experiência para seus discursos em sua existência.

Deste modo, em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos socioideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc., etc. Estes "falares" do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos "falares" socialmente típicos (BAKHTIN, 2010, p.98).

Assim, pode-se dizer que o sujeito é um ser que é perpassado durante toda a sua história por diversas vozes que o constitui e isso significa dizer que seus enunciados e discursos também são marcados por essas inúmeras vozes. É exatamente isso que torna o ato discursivo único e singular e é aquele sujeito também único e singular que é responsável por essa heterogeneidade do discurso que é formado por várias vozes.

Diante de tudo o que foi exposto neste capítulo, fizemos a análise do *corpus* que está apresentada no tópico a seguir com base em toda a fundamentação teórica.

3 A PROXIMIDADE DE SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS COM DEUS A PARTIR DOS SEUS ESCRITOS

Como dissemos, anteriormente, os escritos de Santa Teresinha foram organizados em um único volume dividido em três partes: *Manuscrito A*, *Manuscrito B* e *Manuscrito C*. Para esta análise, foram selecionados vinte e um fragmentos do “Manuscrito A” da obra “História de uma alma” de Santa Teresinha do Menino Jesus, pois é nesse manuscrito que há mais relatos de sua trajetória na vida religiosa e dedicação à igreja.

Os fragmentos foram escolhidos com base no objetivo geral deste trabalho. Isto é, de tudo o que foi escrito, foram escolhidas aquelas principais partes do *Manuscrito A* que relatavam e apontavam de alguma maneira o modo como Santa Teresinha se relacionava com Deus.

Neste capítulo, iremos proceder à análise desses fragmentos com base no que foi exposto na teoria bakhtiniana para compreendermos como se dá a proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus. Da teoria de Bakhtin, selecionamos os conceitos discutidos nos tópicos iniciais desta pesquisa, dentre as principais temos: o dialogismo, o ato responsável, a arquitetura bakhtiniana do eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim, o tom emotivo-volitivo e as vozes do sujeito no discurso.

Vimos no percurso biográfico de Santa Teresinha que antes mesmo dela nascer, sua vida já estava entrelaçada com Deus. Isso aconteceu porque sua mãe, Zélia Guérin, quando mais nova, tentou ser freira, mas não obteve êxito e mesmo assim seguiu em diante com sua fé inabalável em Deus. Uma fé tão forte que, em confissões através de cartas, deixou claro que prometeu a Deus que todas as suas filhas serviriam a ele por toda a vida.

Essa promessa foi cumprida por completo. Todas as filhas de Zélia tornaram-se freiras e serviram a Deus até final da vida. E foi assim que, antes mesmo de nascer, Santa Teresinha do menino Jesus começa a mostrar um sentido de proximidade com Deus. A primeira de todas a cumprir essa promessa da mãe foi Maria, irmã Maria do sagrado coração e a última, por ser a caçula, foi justamente Teresa que desde nova sentia que tinha essa vocação. Espera-se, portanto, que, com a análise dos fragmentos a seguir, fique evidente como se dá essa aproximação de Santa Teresinha com Deus através de seus escritos.

3.1 Análise dos fragmentos selecionados

O primeiro fragmento a ser analisado foi retirado do início do *Manuscrito A* e mostra o primeiro indício de um relacionamento muito próximo de Santa Teresinha com Deus:

Quadro 01: fragmento 01

<i>p.25</i>	“No dia que me mandastes fazê-lo, pareceu-me que isso iria dissipar meu coração, caso se ocupasse consigo mesmo, mas Jesus, logo me fez sentir que lhe daria prazer se simplesmente obedecesse. De mais a mais, não farei senão uma única coisa: começar a contar o que hei de repetir eternamente – as misericórdias do senhor!!!”
--------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Nesse fragmento pode-se observar o quanto Santa Teresinha se preocupava com o julgamento de Deus em relação a ela. Mesmo os relatos sendo apenas sobre sua vida ela temia que essa produção fosse uma distração ou um empecilho para cumprir com suas obrigações religiosas. Mas quando ela diz “Jesus logo me sentir”, indica que esse ato de “sentir” é modo pelo qual ela se relaciona com Deus. Embora não seja algo concreto e objetivo, pode-se considerar que seja um diálogo peculiar que ela tem com Deus no qual há uma interação entre eles.

Nesse sentido, resgatamos aqui a perspectiva bakhtiniana de dialogismo. Pois, esse enunciado que Santa Teresinha produziu está embebido na subjetividade da interação entre os sujeitos na qual se pode inferir que há um diálogo entre ela e Deus e que no mundo interior desse diálogo eles se compreendem. Tal mundo interior “é formado a partir da heterogeneidade dialógica das vozes sociais” (FIORIN, 2016, p.64).

Esses discursos elaborados pelo sujeito de maneira constitutiva são ideológicos. Isto porque podem ser definidos como uma resposta ativa àquelas vozes já

interiorizadas nos sujeitos participantes desse enunciado em questão. Há aqui, então, uma relação dialógica de discurso na qual os interagentes constroem um sentido em torno da constituição do enunciado produzido por eles.

E nesse referido fragmento identificamos que essas vozes que formam o discurso de Santa Teresinha, em particular, são as vozes religiosas provenientes da sua vivência e conhecimento bíblico. E as exclamações que aparecem no final do fragmento indicam que esse seu enunciado foi caracterizado por um tom emotivo-volitivo de abnegação ao chamado vocacional. Isto quer dizer que Santa Teresinha tinha total certeza e satisfação em cumprir esse serviço vocacional ao qual foi designada.

Em seguida pode-se identificar o modo como Santa Teresinha se tratava em relação a Deus. É o que pode ser observado no fragmento 02:

Quadro 02: fragmento 02

<i>p.28</i>	“A flor que vai narrar sua história folga em ter que publicar os obséquios totalmente gratuitos por parte de Jesus. [...]. Quis, em seu amor, preservar sua florzinha do sopro malévol do mundo [...]. Sete anos já se passaram desde que a florzinha lançou raízes no jardim do Esposo das virgens [...].”
--------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Ao observar os termos “A flor” e “florzinha”, percebe-se a forte marcação, no discurso de Santa Teresinha do Menino Jesus, de um tom emotivo-volitivo de gratidão. Foi visto que no momento da produção, o sujeito pode dar uma entonação particular ao enunciado com uma carga emotiva de afetividade. A esse fato dá-se o nome de tom emotivo-volitivo. Essa afirmação pode ser justificada pelo fato de que ela se refere a ela mesma como “florzinha”. Por ser já uma adulta, esse termo tem um tom, primeiramente, infantil e, secundamente, carinhoso, devido ao uso do sufixo “-zinha” criando, assim,

um elo íntimo entre ela e Deus. Há, portanto, um tom poético, suave, de pacificação, de humildade, o que é característico do discurso religioso.

Com as afirmações: “Quis, em seu amor, preservar sua florzinha” e “a florzinha lançou raízes no jardim do Esposo das virgens”, a Santa firma essa relação entre ela e Deus. De acordo com o que ela diz Jesus a protegeu, cuidou dela até que ela entrasse para o Carmelo que é um lugar seguro, pois, como ela também disse, é o “Jardim do Esposo das Virgens”, ou seja, o jardim de Deus.

Mas porque ela está chamando a si mesma de “florzinha”? De onde vem a ideia de se referir a si mesma dessa maneira? A justificativa para tal ato tem relação com sua proximidade com Deus e encontra-se no fragmento 03:

Quadro 03: fragmento 03

<i>p.26</i>	“Pôs-me diante dos olhos o livro da natureza e compreendi que todas as flores por Ele criadas são formosas [...].Fiquei entendendo que se todas as florzinhas quisessem ser rosas, perderia a natureza sua gala primaveril, já não ficariam os vergéis esmaltados de florzinhas... Outro tanto acontece no mundo das almas, já que é o jardim de Jesus [...]. Consiste a perfeição em fazer sua vontade, em ser o que Ele quer que sejamos... [...]; aos seus corações é que se digna a baixar, onde se encontram suas flores campestres, cuja simplicidade o arrebatam...”
--------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

No fragmento acima, Santa Teresa indica que as freiras carmelitas são as “florzinhas” de Deus. Pois, segundo o que ela diz, as flores campestres são aquelas que fazem a vontade de Deus e o segue com simplicidade e devoção. E como já foi exposto no capítulo anterior, toda a vida de Santa Teresinha foi dedicada a servir à igreja,

portanto, a Deus. Desse modo, ela é uma das “florzinhas” de Deus. Essa reflexão, evidencia a forte presença do tom emotivo-volitivo no uso dos referidos termos.

Neste fragmento, Santa Teresa deixa clara a relação íntima que ela tem com Deus, e tal relação só pode ser sentida e compreendida por ela e por ele. Há nesse fragmento um tom de misticismo, de metafísica de transcendentalidade, que dá o sentido de intimidade com o mundo espiritual. E tal experiência de Santa Teresinha, torna cada enunciado no qual ela utiliza esse termo, um evento único, singular e particular.

Após esse relato, Santa Teresinha, com mais segurança sobre seus escritos dá continuidade a seu manuscrito contando fatos do seu nascimento e os anos iniciais de sua infância. É nesse contexto que ela relata o seguinte fato:

Quadro 04: fragmento 04

<i>p.34</i>	“Fostes vós, minha Mãe querida, a quem Jesus escolheu para me fazer esposa Dele. Não estáveis então junto a mim, mas já se haviam formado um elo entre nossas almas... Vós éreis o meu <i>ideal</i>, queria assemelhar-me a vós, e foi vosso exemplo que me atraiu ao esposo das virgens...”
--------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Nesse fragmento 4, há uma série de referências que podem ser observadas. Primeiramente, o uso da linguagem formal indica que Santa Teresinha tem um vocabulário léxico rebuscado e também indica um tom de respeito ao que ela está enunciando. Em seguida, quando Santa Teresa diz “Mãe querida”, está se referindo a sua irmã mais velha, Madre Inês de Jesus (Paulina). Isso acontece porque quando sua mãe faleceu, ela passou a considerar Paulina como sua mãe, por esse motivo a trata de tal forma.

Posteriormente, Santa Teresinha diz que Paulina não estava junto a ela (pois tinha saído de casa para se tornar freira) quando ela sente uma forte ligação com Deus: “já se haviam formado um elo entre nossas almas”. Isso tem relação com fato dela ser “esposa de Deus” – termo metafórico utilizado pelas freiras para designar-se – e ter sentido que tinha essa vocação para servir a Deus.

E essa vocação, segundo a Santa, despertou-se a partir do momento que começou a observar a atitude da irmã tornando-se freira e com essa situação percebeu que esse também era seu destino dedicar-se à vida religiosa. Isso traz uma reflexão em relação à arquitetura de Bakhtin. Augusto Ponzio, na introdução da versão de 2010 do livro *Para uma filosofia do ato responsável* de Bakhtin², diz que, de acordo com a teoria bakhtiniana,

Cada eu ocupa o centro de uma arquitetura na qual o outro entra inevitavelmente em jogo nas interações dos três momentos essenciais de tal arquitetura, e, portanto, do eu, segundo a qual de constituem e se dispõem todos os valores, os significados e as relações espaçotemporais. Esses são todos caracterizados em termos de alteridade e são: eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim. (BAKHTIN, 2010, p.23)

Nesse sentido, há uma interação, na qual o discurso do outro causou um efeito “em mim”, pois “um enunciado está acabado quando permite uma resposta de outro” (FIORIN, 2016, p.24). Então, o *eu-para-mim* é uma relação/pensamento do sujeito com ele mesmo; o *outro-para-mim* é como a resposta do outro causa efeito no sujeito; e o *eu-para-o-outro* é a resposta do sujeito para com o outro que interage com ele.

Assim, organizando as afirmações proferidas por Santa Teresinha se faz visível a composição organizacional dessa relação íntima e particular que ela tem e sempre teve com Deus. Percebe-se, então, que a arquitetura da proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus se constrói da seguinte maneira: antes de tornar-se freira, mesmo muito nova, ela já tinha esse sentimento dentro dela: dedicar-se a Deus, esse objetivo sempre esteve muito bem formado (o eu-para-mim); as atitudes, conselhos e orientações da irmã geram uma influência em sua personalidade e ela vai desenvolvendo e aumentando cada vez mais seu desejo de setornar freira (o outro-para-mim); e nesse seu manuscrito

² BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010

ela conversa com sua irmã e externaliza, expõe todos esses sentimentos e pensamentos que foram sendo formados e desenvolvidos ao longo do tempo (o eu-para-o-outro).

Toda essa arquitetônica que justifica a proximidade de Santa Teresinha com Deus, é ratificada em várias partes do seu manuscrito. Em vários momentos ela faz questão de deixar claro e de confirmar essa relação que tem com Deus. Uma relação que pode ser considerada um fenômeno curioso e que apenas ela sabe descrever os sentimentos envolvidos, pois quando se trata de fé e vocação religiosa, apenas os participantes de tal fenômeno podem explicitar tais sensações e justificativas para seus atos em prol dessa fé e vocação. Um desses momentos, nos quais Santa Teresa firma esse compromisso com Deus, pode ser identificado no fragmento a seguir:

Quadro 05: fragmento 05

<i>p.42</i>	“Compreendi que na perfeição havia muitos graus e que cada alma era livre no responder às solicitações de Nosso Senhor, no fazer muito ou pouco por Ele, numa palavra, no escolher entre sacrifícios que exige. [...]. Meu Deus, escolho tudo. Não quero ser santa pela metade. Não me faz medo sofrer por vós, a única coisa que me faz receio é ficar com minha vontade. Tomai-a vós, pois escolho tudo o que vós quiserdes!...”
--------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

No fragmento 05, identificamos o tom emotivo-volitivo da entrega, da renúncia, da auto-abnegação e ao utilizar esse tom, Santa Teresinha deixa claro mais uma vez o quanto é próxima de Deus quando ela diz “responder às solicitações do Nosso Senhor”, o que indica que há um contato, um diálogo entre os dois. Deus solicita, a chama, a convoca. E ela, mesmo sabendo o quanto é difícil cumprir esse compromisso, aceita e atende aos pedidos de Deus. Segundo o que ela mesma diz: “escolher entre os sacrifícios que exige”, mostra o quanto esse caminho é árduo, mas, para ela, vale à pena e é isso que a deixa plena em sua vocação.

Quando Santa Teresinha do Menino Jesus cede sua vontade à vontade de Deus: “tomai-a vós, pois escolho tudo o que vós quiserdes”, ela, com essa declaração à Deus, firma seu compromisso com ele e explicita esse relacionamento o qual é peculiar entre os dois. E tal enunciado faz referência ao discurso religioso de que seguir à Cristo é doloroso, envolve o sofrimento de abrir mão de uma vida confortável para viver na humildade e simplicidade assim como fizeram os apóstolos de Cristo: “Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me” (Mateus, 19:21).

Assim como os apóstolos, Santa Teresinha recebeu esse “chamado” e em nenhum momento de seus manuscritos ela demonstra arrependimento em ter atendido a essa convocação. Muito pelo contrário, ela sabe dos obstáculos e dificuldades, mas, mesmo assim, se sente realizada em ultrapassá-los para seguir com sua vocação religiosa e permanecer ativa e participante dessa relação. Seus escritos mostram que nessa relação eles dois se entendem. E nessa proximidade há um diálogo, uma troca de enunciados – Deus solicita e Santa Teresa, o responde – entre ela e Deus. Há, então, por parte dela, uma responsabilidade no ato dessa resposta.

E, nas palavras de Bakhtin,

essa responsabilidade do ato permite levar em consideração todos os fatores: tanto a validade de sentido quanto a execução factual em toda a sua concreta historicidade e individualidade; a responsabilidade do ato conhece um único plano, um único contexto, no qual tal consideração é possível e onde tanto a validade teórica, quanto a factualidade histórica e o tom emotivo-volitivo figuram como momentos de uma única decisão. (BAKHTIN, 2010, p.80)

Com essas palavras de Bakhtin, podemos afirmar, então, que na decisão segura de Santa Teresinha de manter essa relação com Deus a partir do momento em que ela atende ao seu “chamado”, ela assume a responsabilidade do seu discurso e diálogo que tem com ele. E tal responsabilidade é fundamentada por toda a contextualização da sua vida e, também, da sua história religiosa, isto é, todo percurso que ela percorreu estava mergulhado num relacionamento com Deus. Toda essa situação dá, portanto, um caráter individual, único e singular ao efeito de proximidade com Deus. Proximidade esta que é perceptível em várias partes de seus manuscritos e, também, pode ser observada no fragmento a seguir, no qual, Santa Teresinha diz “sentir” a presença de Deus em um dos momentos de sua vida:

Quadro 06: fragmento 06

<i>p.51</i>	“A propósito das nuvens, lembro-me de que um dia o formoso céu azul campestre se anuviou e logo começou a rugir a tempestade. Os relâmpagos sulcavam as nuvens carregadas, e vi cair um raio a pouca distância. Longe de ficar com medo, extasiava-me, tendo a impressão de que o Bom Deus estava tão perto de mim!...
--------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

No fragmento 06, Santa Teresinha relata um acontecimento peculiar de sua vida que aconteceu ainda em sua infância. Numa tempestade perigosa, onde teve até um raio que caiu perto dela o sentimento da situação deveria ser de medo, de pavor ou, pelo menos, preocupação, afinal, um fenômeno natural como esse é imprevisível e num descontrole pode resultar num grave acidente, ou seja, as vidas daqueles que estão nesse momento podem estar em risco, principalmente quando se é apenas uma criança.

Mas não foi isso que Santa Teresinha sentiu nesse momento. Por ter tanta confiança em Deus e por saber que eles têm grande ligação, no lugar do medo pela tempestade, ela sentiu que a aquela manifestação natural, na verdade, era uma manifestação divina, por isso, nesse momento, ela afirma ter tido a impressão de que o Bom Deus estava tão perto” dela o que a trouxe um sentimento de paz e felicidade.

Esse fato leva à reflexão sobre o relacionamento entre Santa Teresinha e Deus. Mesmo tão pequena, ainda uma criança, ela já sentia essa proximidade com Deus. É uma ligação tão forte a ponto de ela sentir sua presença em muitos momentos de sua vida. Por tanto, há uma proximidade calcada na confiança e na felicidade só de estar vivenciando essas sensações. E é por acreditar que Deus é confiável e que ele gosta dela, que, num tom emotivo-volitivo, ela o designa de “Bom Deus”. Dessa maneira, recordando a teoria bakhtiniana sobre o tom emotivo-volitivo, pode-se dizer que o tom valorativo que alguns sujeitos dão a determinado termo ou expressão, não pode ser

generalizado ou interpretado de forma isolada, pois esse tom tem um valor particular para aquele que o emite de acordo com todas as suas experiências, isto é,

a expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade de língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica do gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada. (BAKHTIN, 2011, p. 295)

É esse modo particular de chamá-lo que é mais uma mostra da proximidade entre os dois. E em cada parte de seu manuscrito no qual ela usa esse tom, pode-se perceber o quanto ela se sente próxima a ele e que esse sentimento é recíproco, segundo a descrição autobiográfica dela. É o que pode ser identificado no fragmento a seguir:

Quadro 07: fragmento 07

<i>p.54</i>	“Ó minha mãe querida! Com que solicitude me preparastes, quando me explicastes que não era a um homem, mas ao Bom Deus que iria contar meus pecados. Disto estava tão convicta, que fiz minha confissão com grande espírito de fé.”
--------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Neste fragmento 07, Santa Teresinha está falando sobre o momento de confissão de seus pecados, no qual ela deve revelar ao padre aquelas atitudes que ela realizou julgando como erradas, como pecados. Então, ao ter que confessar tais ações e pensamentos para um indivíduo estranho ou que não tenha intimidade suficiente para falar sobre tais questões, há uma certa preocupação em fazer isso. Porém, ao refletir e conversar com sua irmã, Santa Teresa compreende, expressando felicidade, que nesse momento particular ela confessa diretamente para Deus seus erros, portanto, deve pensar nisso no momento da confissão, deixando, assim, o medo de lado.

Identifica-se, dessa maneira, que ela o trata como “Bom Deus” utilizando-se de um tom emotivo-volitivo que remete a Deus um caráter de bondade, misericórdia e compaixão. E ela tem a convicção de tais características do seu “Bom Deus”, evidenciando uma relação íntima e particular que ela tem com ele.

Durante seus escritos Santa Teresinha relata vários momentos de sua vida no qual sentiu o quanto Deus estava ligado a ela. Isto porque, de acordo com seus escritos, em várias circunstâncias de sua vida, ela demonstra gratidão a Deus por interferências – conforme sua crença - que ele faz em algumas situações específicas de sua vida.

Isto quer dizer que em momentos, principalmente de aflição, Santa Teresinha demonstra que acredita que Deus “age” de tal maneira a gerar uma resolução para seus problemas ou para proporcionar um conforto, ou seja, se o problema não for resolvido, ela entende que aquilo é necessário para que ela aprenda alguma lição importante.

Quadro 08: fragmento 08

<i>p.63</i>	“Ah! Por que foi a mim que o Bom Deus comunicou tal iluminação? [...] aqui está um dos mistérios que, sem dúvida, compreenderemos no Céu, e será objeto de nossa eterna admiração! [...] Como o Bom Deus é bom! Envia as provas na medida de nossas forças.”
--------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

No fragmento 08, Santa Teresinha faz referência a um dos momentos peculiares de sua vida. Em uma das vezes que estava doente – e foram muitas, como foi visto em seu percurso biográfico – ela, em determinado instante, passou a visualizar a imagem de um homem, curvado, com a aparência de doente, cansado e que se assemelhou a seu pai. Mas que não poderia ser ele pessoalmente, pois ele estava em outra cidade. Ela não compreendeu a princípio e esse fato marcou fortemente Santa Teresinha e nunca mais ela esqueceu esse episódio.

Anos depois é que ela diz ter compreendido tal situação. Isto porque seu pai foi acometido de uma paralisia na coluna o que o deixou curvado e por esse motivo ficou com problemas psicológicos e pouco tempo depois veio a falecer.

Só depois disso é que Santa Teresinha entendeu que aquela visão a qual ela chama de “iluminação” foi revelada. Ela diz que esse fato foi uma preparação de Deus para que ela pudesse suportar a provação da morte de seu pai. Ou seja, mais uma intervenção divina em sua vida. E por ser considerado “Bom Deus” e por ser próximo a ela, enviou um aviso para que ela tivesse tempo de se preparar psicologicamente para essa perda tão dolorosa para ela. Observamos nesse fragmento a presença de um dialogismo com o trecho do texto bíblico:

Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança. E a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam maduros e íntegros, sem lhes faltar coisa alguma. (Tiago 1:2-4)

Nesse versículo bíblico percebemos a relação dialógica entre o discurso de Santa Teresinha e sua vivência religiosa. As provações que ela diz passar são aceitas por ela naturalmente, pois de acordo com o trecho bíblico acima, são essas provações que tornam sua fé mais consolidada.

Continuando com seus relatos, no fragmento 09, Santa Teresinha fala sobre o momento que, ainda criança, sentiu que deveria ir para o Carmelo:

Quadro 09: fragmento 09

<i>p.72</i>	“[...] senti dentro de mim ser o Carmelo o deserto onde o Bom Deus queria que fosse também esconder-me. Senti-o com tanta veemência que não tive a menor dúvida no coração. Não era um devaneio de criança que se deixa levar, mas a certeza de um chamado divino.”
--------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Nesse fragmento, primeiramente identificamos uma metáfora utilizada por Santa Teresinha quando ela chama o Carmelo de “deserto”. É uma evidente referência à passagem bíblica que relata os dias de provações que Jesus passou no deserto a fim de conhecer e fortificar a sua fé.

Observamos, também, mais uma vez a presença do tom emotivo-volitivo de sentimento “divino” que Santa Teresinha relata em seus escritos. Nesse momento de sua vida, quando sua irmã Paulina sai de casa para ir ao convento, é que Santa Teresinha fica sabendo o que significa ir ao Carmelo. Pois como ainda era criança, ela não sabia definir bem o que estava sentindo, mas foi aos poucos que ela foi compreendendo cada sensação que ela teve em relação a Deus.

E, assim, ela tem a certeza de que lá, no Carmelo, também é seu lugar e, como ela mesma diz, não foi um desejo ou devaneio de criança, ela diz ter sentido realmente que aquela sensação foi “um chamado divino”.

Esse tom de aceitação ao chamado divino que Santa Teresinha utiliza para descrever seus momentos particulares com Deus revela o quanto ela é apegada a ele e transfere todo esse sentimento para seus escritos. Isto é, ela utiliza esse tom emotivo-volitivo que “envolve o conteúdo inteiro do sentido do pensamento na ação e o relaciona com o existir-evento singular” (BAKHTIN, 2010, p.87). Esse sentimento que ela tem, proveniente de sua religiosidade, transborda em seus manuscritos e promove uma reflexão acerca de sua proximidade com Deus como sendo algo que “dá vida” a ela e é todo o propósito de sua vida.

Como foi dito na biografia de Santa Teresinha, houve um momento de sua vida que ela ficou bastante doente. Muitos familiares achavam que ela não conseguiria se recuperar. Foi nesse momento que ela teve mais um contato divino que a marcou fortemente. No fragmento 10 pode-se observar a descrição minuciosa desse momento especial para Santa Teresinha:

Quadro 10: fragmento 10

<i>p.81</i>	“Por não encontrar nenhuma ajuda na terra, a coitada da Teresinha também se voltara para sua Mãe do Céu, suplicando-lhe de todo o coração, tivesse enfim piedade dela... De repente, a Santíssima Virgem me pareceu bela, tão bela, como nunca tinha visto nada tão formoso. O rosto irradiava inefável bondade e ternura, mas o que me calou no fundo da alma foi o <i>empolgante sorriso da Santíssima Virgem. Nessa altura desvaneceram-me todos os meus sofrimentos. Das pálpebras me saltaram duas grossas lágrimas e deslizaram silenciosas sobre as faces. Eram lágrimas de uma alegria sem inquietação... Oh! Pensei comigo, a Santíssima Virgem sorriu para mim, como sou feliz...”</i>
--------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Esse relato minucioso mostra o quanto esse momento foi especial para Santa Teresinha. Embora ela não esteja falando especificamente de Deus, o momento não deixa de fazer referências a ele, já que, segundo a crença cristã, Maria foi escolhida por Deus para gerar o salvador, Jesus Cristo. Portanto, se Maria foi eleita por Deus e nesse momento de sofrimento de Santa Teresinha ela apareceu para curá-la, indica, para Santa Teresinha que Deus enviou Maria para tal missão. E aqui, utilizando um tom emotivo-volitivo de intercessão, ela apresenta Maria como intercessora entre ela e Deus o que revela uma clara característica do discurso religioso, especificamente católico.

No fragmento que segue, o fragmento 11, pode ser observado que Santa Teresinha tinha a certeza de que suas decisões e sentimentos eram guiados por Deus, ou

seja, quando ela tinha uma ideia, pensamento ou sensação, para ela, era uma orientação de Deus que deveria ter atenção.

Quadro 11: fragmento 11

<i>p.85</i>	“O Bom Deus, porém, de pronto me fazia intuir que a verdadeira glória é a que dura eternamente, não havendo, para sua consecução, necessidade de realizar obras aparatosas, mas de esconder-se e praticar a virtude de molde a não saber a mão esquerda o que faz a direita...”
--------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Primeiramente, percebemos nesse fragmento um discurso bíblico dialogicamente reportado para os escritos de Santa Teresinha. Quando ela enuncia “a não saber a mão esquerda o que faz a direita” é uma referência do trecho bíblico que diz: “Mas quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará” (Mateus 6:3,4). Com essa referência, Santa Teresinha demonstra sua humildade e a importância de se fazer a caridade. Isto é, realizar boas ações sem esperar nada em troca é o que “agrada a Deus. Dessa maneira, observamos o quanto o texto bíblico é importante para os escritos dela.

Outra observação desse trecho é a expressão “me fazia intuir”, que mostra que Santa Teresinha lançava totalmente a Deus a responsabilidade do fato de que ela compreendeu que seus deveriam ser feitos de maneira discreta, sem muita promoção de seus atos. Essa compreensão, segundo o que ela relata, foi justamente o “Bom Deus” que a proporcionou, ou seja, ele a fez compreender tal ensinamento.

Assim como esse fato relatado no fragmento 11, em muitos outros momentos de sua vida, santa Teresinha assegura que houve a intervenção de Deus para que ela seguisse sempre no caminho da religiosidade dedicada a ele. E um desses momentos foi durante sua adolescência.

Quando passou a conviver, na escola, com outras meninas da sua faixa etária, Santa Teresinha começou a perceber e achar o quanto aquelas amizades poderiam afastá-la de Deus e, por esse motivo, não conseguiu se aproximar ou firmar alguma amizade com nenhuma daquelas jovens, pois sentia-se ameaçada como se elas fossem uma tentação que traria prejuízo a sua fé. E afirma, ainda, que quem a afastou delas foi Deus. Foi ele que a discernimento para perceber o perigo e a deu forças para conseguir se afastar dessas meninas.

E para tal acontecimento Santa Teresinha explicou por meio de uma analogia para exemplificar de uma maneira mais didática o que ela tinha percebido desse episódio de sua vida, como pode ser observado no fragmento 12:

Quadro 12: fragmento 12

<i>p.99</i>	“Supondo que o filho de um entendido doutor depare no caminho com uma pedra, que o faz cair e fraturar um membro. De pronto lhe acorre o pai, ergue-o com amor, pensa-lhes as feridas, aplicando todos os recursos de sua arte. E o filho, completamente curado, logo lhe testemunha sua gratidão. Não resta dúvida, o filho tem todo o motivo de querer bem ao pai!”
--------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Nesta analogia, o pai doutor, é Deus; o filho é a própria Santa Teresinha e a pedra que o filho tropeçar é justamente a amizade das outras garotas da escola. Com isso, pode-se entender que Santa Teresinha estava se distraindo com as amigas e se distanciando de sua vocação esentiu que Deus interveio e a afastou das garotas e a “curou” desse sentimento que prejudicaria seu caminho religioso. E, por tal atitude atenciosa e demonstração de amor, Santa Teresinha ama Deus e sente que é amada por ele.

Em todo o seu discurso, escrito nos manuscritos, é perpassado o discurso religioso. Fica bem evidente, por causa de várias referências bíblicas, que Santa Teresinha apresenta um discurso dialogicamente influenciado por esse tipo de discurso. Essa é uma voz muito evidente nos seus escritos. Foi visto que, desde muito nova, Santa Teresinha tinha uma forte ligação com os textos da bíblia, e essa ligação trouxe-se ainda mais forte depois que passou a viver no Carmelo, pois como se sabe, as freiras passam seus dias enclausuradas, estudando a bíblia e realizando atividades relacionadas a ela.

Ao decidir dedicar-se por toda a vida ao enclausuramento religioso, Santa Teresinha firma seu compromisso com Deus. Tudo o que faz ou deixa de fazer tem como base a palavra de Deus. E essa palavra é representada, para os cristãos, através da bíblia sagrada.

É por esse motivo que seu discurso é fortemente marcado pelo discurso bíblico. Resgatando, assim, o conceito *constitutivo e composicional* do dialogismo, apresentado por Fiorin, 2016. É importante observar essa questão, pois, se toda a fé e devoção de Santa Teresinha para com Deus está embasada na bíblia, significa que seu discurso produzido nos seus manuscritos também apresentará marcas evidentes dessa fé. E é justamente essa fé que aproxima Santa Teresinha de Deus.

Os dois referidos tipos de dialogismo falam sobre o fato de que todo discurso é perpassado por outros discursos, mas no primeiro, essas marcas são implícitas e no segundo, são evidentes, ou seja, não se faz necessário uma inferência. Pode-se identificar essas relações dialógicas no discurso de Santa Teresinha em várias partes de seus manuscritos como, por exemplo, no fragmento 13, a seguir, onde Santa Teresinha apresenta indícios de um “dialogismo constitutivo” em seu discurso:

Quadro 13: fragmento 13

p.99	“Reconheço que, sem ele, poderia cair tão baixo como Santa Madalena.”
--------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Fica evidente, no fragmento 13, a influência do discurso bíblico em seu próprio discurso, pois quando Santa Teresinha escreve “reconheço que sem ele [...]” faz referência ao trecho bíblico do livro de João: “Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (João 15:5), no qual Jesus está explicando justamente que ele é o “caminho a ser seguido” e que sem ele não seria possível seguir a diante ou cair em tentação, como foi o caso de Maria Madalena.

Portanto, quando Santa Teresinha escreve: “tão baixo como Santa Madalena” ela está se referindo ao fato bíblico de Maria Madalena: “E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando” (João 8:3,4). Observamos, aqui, que Maria Madalena cometeu um pecado gravíssimo diante da sociedade de sua época, “caiu o mais baixo” que foi pecar, mas se arrependeu profundamente, mudou sua atitude dali por diante e foi perdoada por Deus.

Ela se refere a esse fato porque quando se aproximou das amigas da escola, a se ver naquela situação, seria um pecado, pois estava se afastando da sua vocação, seu “chamado” e se Deus não intervisse naquele momento, seu pecado poderia ser tão grave quanto o de Maria Madalena. Ou seja, ela não deixou clara a referência, mas pode-se subentender por toda contextualização da sua vida cultural. Isto porque, segundo Bakhtin (2010), toda a experiência e carga cultural de um indivíduo não podem ser desassociadas do enunciado, pois este é constituído com base nessas influências de experiências anteriores.

Mas esses discursos bíblicos, que perpassam os discursos de Santa Teresinha, também aparecem de maneira explícita - o *dialogismo composicional* – e se faz presente em alguns momentos nos quais Santa Teresinha realiza citações diretas da bíblia. Como pode ser observado no fragmento 14.

Quadro 14: fragmento 14

p.113

“Como os apóstolos, podia dizer-lhe: *Senhor, pesquei a noite toda sem nada pegar. Ainda mais misericordioso comigo do que com os discípulos, Jesus pegou-me mesmo a rede, lançou-a e retirou-a cheia de peixes...*”

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Nesse trecho, ela cita um dos milagres de Jesus³, aquele no qual alguns pescadores estavam com dificuldade para pegar peixes e Jesus realizou o milagre de surgirem inúmeros peixes nas redes puxadas por esses pescadores. Estes, por sua vez, passaram a seguir Jesus. Essa citação é, portanto, um indício explícito do discurso de Santa Teresinha sendo transpassado por outros discursos, no caso, o bíblico. Essas vozes estão presentes em todos os seus manuscritos e em todos os aspectos de sua vida, pois ela viveu passo a passo dos seus dias influenciada pela Bíblia Sangrada, a “palavra de Deus”, a “voz de Deus”. Bakhtin diz que, ao observarmos o outro

notaremos antes de tudo uma diferença arquitetônica de princípio entre a minha singularidade única e a singularidade de cada outro ser humano[...] entre a concreta experiência vivida por si mesmo e a experiência vivida pelo outro. (BAKHTIN, 2010, p.141)

Isto é, as experiências que Santa Teresinha teve com Deus tornaram seu discurso único e singular, pois ninguém poderia viver exatamente o que viveu no lugar dela, afinal, cada ato e cada momento é único e singular e são responsáveis pela construção do “eu” de cada sujeito, então, de acordo com a teoria Bakhtiniana, ela é a responsável por seu discurso e ninguém poderia realizá-lo por ela.

Experiências essas que são bastante peculiares e dizem muito sobre sua proximidade com Deus. São experiências que mostram essa relação de fé que ela possui com Deus e cada fato desse contribuiu para que essa confiança de Santa Teresinha do Menino Jesus em Deus crescesse cada vez mais.

³Este milagre é narrado no livro de Lucas, capítulo 5, versículos 1-11, na Bíblia Sagrada.

É o caso do fato acontecido com ela descrito no fragmento abaixo:

Quadro 15: fragmento 15

<i>p.115</i>	“[...] tanta era minha confiança na infinita misericórdia de Jesus; mas que para meu simples consolo lhe pedia, unicamente, um sinal de arrependimento... [...] Minha oração foi atendida ao pé da letra! [...] Obtie o sinal pedido, e o sinal era uma expressão fiel de graças que Jesus me tinha outorgado, para me induzir a rezar pelos pecadores.”
---------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

No fragmento 15 é relatada uma situação pela qual passou Santa Teresinha. Em 1887, um criminoso chamado Henrique Pranzini estava sendo julgado por seus crimes e recebeu a sentença de morte no dia 13 de agosto de 1887 e Santa Teresinha acompanhou esse processo e sentiu que tinha que rezar por aquela “alma pecadora” para que ele se arrependesse e convertesse, o que seria muito difícil de acontecer.

Então, Santa Teresinha rezou bastante por ele e até pediu a celebração de uma missa na intenção do arrependimento e conversão de Pranzini. Passados os dias de julgamento, no dia de sua sentença de morte, antes de sua execução, Santa Teresinha pediu a Deus um sinal de que Pranzini tinha se arrependido e se convertido antes de morrer. Foi então que no dia seguinte ela leu no jornal que o criminoso, antes de morrer, “levado por súbita inspiração, se volta e toma o crucifixo que o sacerdote lhe apresentava, beijando três vezes as Sagradas chagas! ”(TERESA DO MENINO JESUS, SANTA, 1982, p.115)

Essa atitude de Pranzini significou para Santa Teresinha um sinal de que ele teria se arrependido e se convertido. É por isso, que no fragmento 15, ela diz que sua oração foi atendida. E por causa desse fato extremamente especial para ela, interpretou que toda aquela situação foi uma ação, uma “graça” de Deus para que ela continuasse o trabalho árduo de “salvar” mais almas, quantas ela pudesse: “Que resposta de inefável

doçura! Oh! A partir dessa graça singular, dia por dia se avolumava meu desejo de salvar almas. ” (TERESA DO MENINO JESUS, SANTA, 1982, p.115)

Esse acontecimento mostra claramente o quanto Santa Teresinha acreditava na relação particular que tinha com Deus e que havia um certo tipo de diálogo entre eles dois no qual um falava e o outro compreendia e respondia.

Esse diálogo, pelo o que pode se perceber é executado de uma maneira peculiar, pois quando Deus “fala” com Santa Teresinha não é por meio da voz audível, mas sim por ações e sensações corporais que, segundo ela, são manifestações divinas. Isto pode ser comprovado pela expressão que ela usa para indicar uma dessas manifestações da ação de Deus: “me induzir”. Ou seja, ela fez um pedido a Deus, ela sente que ele a atendeu com determinado propósito e com isso ela passa a confiar ainda mais nele.

A própria Santa Teresinha, em uma das partes do *Manuscrito A*, explica esse tipo de diálogo entre eles dois:

Quadro 16: fragmento 16

p.197	“ Nunca o ouvi falar, mas sinto que está dentro de mim a cada instante. É quem me orienta, inspirando-me o que devo dizer ou fazer. Exatamente quando se faz mister, descubro luzes que ainda não tinha enxergado.”
---------------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Isso quer dizer que esse diálogo entre Santa Teresinha e Deus não é um diálogo face a face, mas mesmo assim pode ser considerado como uma interação discursiva, pois como disse Volóchinov (2017, p.219):

obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas de interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo.

É justamente nessa interação discursiva que podemos identificar indícios da participação de discursos oriundos de outros sujeitos e que tornam cada enunciado diferente. É preciso observar e considerar todo o contexto no qual está mergulhando cada sujeito. É por isso que Volóchinov diz que a escrita é apenas um tipo de interação discursiva. Com a interpretação e inferência, descobrem-se vozes que permeiam cada discurso produzido por esse sujeito responsável por seu ato e existir.

No próximo fragmento, Santa Teresinha do Menino Jesus, apresenta mais um instante de comunicação com Deus que ela expressa seu amor por ele:

Quadro 17: fragmento 17

<i>p.129</i>	“[...] sentia no coração uns frêmitos até então desconhecidos, tinha às vezes verdadeiros transportes de amor. Uma noite, não sabendo como declarar a Jesus que o amava, e quanto o desejava amado e glorificado em toda a parte, veio-me o doloroso pensamento que do inferno não poderia ele jamais receber um único ato de amor. Então declarei ao Bom deus que, para lhe dar prazer, de boa mente consentiria em ver-me ali imersa, a fim de que ele fosse eternamente amado nesse lugar de blasfêmia... Era de meu conhecimento que isso não poderia glorificá-lo, mas quando a gente ama, sente a necessidade de dizer mil desatinos.”
---------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Com esse relato, no fragmento 17, Santa Teresinha expressa mais uma de suas sensações. Quando ela diz: “sentia no coração uns frêmitos até então desconhecidos, tinha às vezes verdadeiros transportes de amor” ela explica que esses “frêmitos” são

sensações do amor que ela sente por Deus. E esse amor a deixa inquieta, pois ela quer fazer o seu melhor para agradar a Deus.

Por isso que declara, logo em seguida, e firma um compromisso com ele: “consentiria em ver-me ali imersa, a fim de que ele fosse eternamente amado nesse lugar de blasfêmia”. Isto quer dizer que ela se compromete através de suas ações, espalhar os seus ensinamentos e levar as pessoas a amá-lo como ela o ama. Pois se ela percebe que Deus está feliz com determinada ação, ela fica feliz em proporcioná-lo tais alegrias.

Esse amor também é expresso no fragmento a seguir e ainda mais forte, pois é por causa dele que confessa conseguir superar seus problemas:

Quadro 18: fragmento 18

p.132	“ De fato, foi só o amor de Jesus que me pôde fazer superar essas dificuldades e as outras seguintes, pois foi de seu agrado fazer-me realizar minha vocação através de provas muito grandes...”
---------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Nesse fragmento acima, Santa Teresinha do Menino Jesus expressa o quanto esse amor que ela sente por Deus é importante para a vida dela. Através do tom emotivo-volitivo de convicção, de firmeza em suas palavras nesse fragmento é perceptível que o sentido de proximidade com Deus a faz conseguir obter força de vontade para suportar e superar os problemas que a vida lhe impôs.

Essa atitude da Santa provoca certa curiosidade e inquietação, pois como é possível que a fé seja capaz de gerar num ser humano tal força como a descrita por Santa Teresinha? Este seria um questionamento para outras pesquisas, por isso, este trabalho se atenta apenas em perceber e compreender a proximidade de Santa Teresinha com Deus.

Ainda no fragmento 18, a referida Santa retoma o principal fato que a aproxima de Deus: sua vocação. Tal vocação descrita por ela é o fator principal dessa relação entre os dois. É esse fato que traz a reflexão de que a vocação, no caso a religiosa, tem o poder de impulsionar as pessoas que a tem para realizar suas ações e vencer os obstáculos que aparecem ao longo de suas vidas.

Quadro 19: fragmento 19

<i>p.143</i>	“Tal pensamento me dará coragem, e facilmente esquecerei meus pobres e mesquinhos interesses, considerando a grandeza e o poder do Deus, a quem quero unicamente amar. Não terei a desgraça de apegar-me a ninharias, agora que meu coração pressentiu o que Jesus reserva aos que o amam...”
--------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

O que Santa Teresinha fala nesse trecho, especialmente a expressão: “tal pensamento” diz respeito à lembrança de uma viagem que ela fez à Roma para solicitar a autorização de entrar no Carmelo antes dos 21 anos de idade. Durante essa viagem ela viu e admirou-se com a beleza daquela cidade e ficou feliz, em parte, por estar vivenciando aquela experiência. Porém, havia uma constante preocupação dela de que aquela viagem incrivelmente interessante a desviasse de sua vocação de ser freira.

É por esse motivo que no fragmento 19 ela diz que não terá “a desgraça de se apegar a ninharias”, identificamos aqui um tom emotivo-volitivo de desapego, pois ela tem a consciência do embate e da dificuldade que existe entre o mundo material e o mundo espiritual. E quando na verdade ela “pressentiu” que Deus guardava coisas boas para aqueles que o amam (no pensamento de Santa Teresinha). Esse pressentimento que ela teve é uma mostra de sua proximidade com Deus. E é enfatizando a palavra

“pressentiu” que essa proximidade pode ser compreendida. Isto porque, segundo Bakhtin,

A expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato existem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade. (BAKHTIN, 2010, p.85)

Dessa maneira, a palavra é carregada tanto de seu sentido real como de uma carga emocional e particular que vai acrescentar características únicas a ela de acordo com o sujeito que está produzindo aquele ato em particular. Então, quando Santa Teresinha relata essas experiências particulares de sua proximidade com Deus, percebe-se que são atos únicos e singulares que se revelam em seu discurso.

E tais atos únicos que ocorrem entre Santa Teresinha e Deus estão perpassados durante todos os seus escritos por tons valorativos de diferentes valores, como por exemplo, uma relação vocacional entre eles. E outro tom valorativo fortemente presente nesse discurso é o de “interferência divina” em seus atos. É o que será observado no fragmento 20, as seguir:

Quadro 20: fragmento 20

<i>p.155</i>	“Apesar de todos os obstáculos, cumpriu-se o querer de Deus. Não permitiu às criaturas fazerem o que bem entendessem, mas o que era de sua vontade...”
---------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Nesse relato de Santa Teresinha, identifica-se que, em primeiro lugar, que ela afirma que Deus está em constante atividade de interferência em seus atos, em sua vida e, em segundo lugar, ela admite e aceita que está à mercê da vontade de Deus. Pois ela aceita que Deus interfere em tudo no mundo, ou seja, ela compreende a soberania de Deus. Não só compreende como também aceita com satisfação.

O fragmento que vem adiante mostra um modo de se expressar de Santa Teresinha que revela uma forte ligação entre ela e Deus:

Quadro 21: fragmento 21

<i>p.162</i>	“Assim procedeu Jesus com sua Teresinha. Depois de prová-la por muito tempo cumpriu à larga todos os desejos de seu coração...”
--------------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

O tom emotivo-volitivo de que fala Bakhtin é de extrema importância para esta pesquisa, pois é a partir dele que se pode haver uma melhor compreensão do modo particular como Santa Teresinha se refere a Deus. Afinal, sabe-se que “o tom emotivo-volitivo interrompe o isolamento e autossuficiência do conteúdo possível do pensamento, incorpora-o no existir-evento unitário e singular.” (BAKHTIN, 2010, p.90)

No fragmento acima, quando Santa Teresinha refere-se a si mesma no diminutivo e na terceira pessoa, indica uma proximidade afetiva de cunho infantil e paternal (entre pai e filha) entre ela e Deus.

Outra parte importante desse fragmento é quando ela diz que ela passou por muitas provações, ao querer de Deus, e depois disso ele a gratificou com os cumprimentos de seus desejos. Mostra, então, uma relação entre um pai que está feliz com o comportamento e esforço da filha e dá a ela uma recompensa afetuosa por isso.

Embora, para Santa Teresinha, a relação entre e Deus seja muito afetuosa, ela relata em alguns trechos que ao mesmo tempo é árdua, como mostra o fragmento 22:

Quadro 22: fragmento 22

p.171	“Quão misericordioso é o caminho, pelo qual o Bom Deus sempre me guiou! Nunca me levou a desejar alguma coisa, sem que me desse. Por essa razão, seu amargo cálice pareceu-me delicioso.”
-------	---

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Esse fragmento relaciona-se com o fato de que Santa Teresinha reconhece que, para cumprir com sua vocação, ela passa por momentos difíceis. Como ela mesma diz em outras partes do manuscrito a verdadeira sabedoria do amor vocacional a Deus consiste em “fazer constar a alegria no desprezo de si mesmo” (trecho do livro “Imitação de Cristo” que ela sempre leu).

Mas, segundo a Santa, Deus sempre foi para ela. Quando ela diz: “nunca me levou a desejar coisa alguma, sem que me desse”, ela expressa que ele sempre atendeu aos seus pedidos e desejos. E que isso a deixou muito grata e é por causa dessa atitude de Deus para com Santa Teresinha, que os obstáculos e dificuldades do enclausuramento religioso, não a fazem desistir, muito pelo contrário, ela diz: “seu amargo cálice pareceu-me delicioso” que faz referência ao trecho bíblico “E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados” (Mateus 26:27,28).

Esta passagem bíblica diz respeito ao momento que antecede a crucificação de Jesus e no exato momento que ele bebe o vinho em seu cálice, ele sabe que ali é a confirmação do seu chamado de Deus para crucificação. Com isso, Santa Teresinha mostra uma identificação com esse sofrimento inerente ao seu chamado, mas toda a parte difícil e dolorosa é realizada por ela com grande satisfação e alegria, pois sabe que é para atender à vontade de Deus.

Assim, pode ser observada uma grande conexão entre Santa Teresinha e Deus. Pois, para ela nada importa se o que ela fizer agrada a Deus. Ela se sente bem e

realizada ao servi-lo mesmo que para isso tenha que passar por momentos árdusos, mas que ela deixa a entender que não momentos que a tornam mais forte, mais resistente às coisas que podem distraí-la nessa sua jornada vocacional, aumentando ainda mais sua confiança e proximidade com Deus.

E tal confiança existiu durante toda a vida de Santa Teresinha e resultou no firmamento oficial do compromisso dela com Deus: um dia extremamente importante para ela. E o sentimento dela nesse referido momento está brevemente relatado no fragmento 23, abaixo:

Quadro 23: fragmento 23

<i>p.183</i>	“Senti-me inundada por uma caudal de paz, e foi numa paza <i>ultrapassar todo sentimento</i> que proferi meus Sagrados votos... Minha união com Jesus não se efetuou entre trovões e relâmpagos, isto é, entre graças extraordinárias, mas no meio de uma ligeira brisa [...]”
---------------------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Esse dia foi de grande valor para Santa Teresinha. Percebemos que um dialogismo com o texto bíblico 1 Reis 19 no qual fala sobre o profeta Elias que passou por diversas provações como trovões, fogo, terremoto, e vários dias no deserto pra consolidar sua fé e confirmar seu chamado por Deus. E para Santa Teresinha a satisfação era tão grande em atender ao seu chamado, era tão importante que ela se sentiu “inundada por uma caudal de paz”. Ou seja, já era um momento muito esperado e ali, naquele momento, ela satisfez seu maior desejo: Entrar para o Carmelo e tornar-se freira.

O último fragmento escolhido para análise desta pesquisa encontra-se nas últimas páginas do *Manuscrito A* de Santa Teresinha e demonstra o discurso com o qual ela finaliza esse manuscrito:

Quadro 24: fragmento 24

p.199

“Qual será o fim da *História de uma florzinha branca*? Será a florzinha talvez colhida em seu frescor, ou então transplantada para outras paragens? É o que ignoro. Tenho, porém, a certeza de que a misericórdia do Bom Deus sempre a acompanhará, e ela jamais deixará de bendizer a Mãe querida que a entregou a Deus, alegrando-se, por toda a eternidade, de ser uma das flores de sua grinalda...”

Fonte: elaboração própria, a partir de TERESA DO MENINO JESUS, 1986

Nesse fragmento final de análise pode ser observado o fato de que Santa Teresinha, utilizando analogias e metáforas, encerra seu manuscrito A reafirmando o quanto ela se sente feliz em seguir servindo a Deus: “alegrando-se, por toda a eternidade, de ser uma das flores de sua grinalda”. Ela também fala sobre o quanto está agradecida por sua irmã, a quem ela chama de “Mãe querida”, tê-la acompanhado sempre nessa jornada. Em seguida ela faz uma referência ao texto “Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias” (Salmos 23:6).

Isso quer dizer que ela tinha a certeza de que durante essa sua jornada ela seria acompanhada por Deus com toda sua bondade e misericórdia. E, por fim, expressa que não está preocupada com o futuro, mas mal sabia ela que dentro de pouco tempo após terminar seus escritos “a florzinha seria colhida” por Deus, aos seus 24 anos de idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise dialógica de discurso de Bakhtin e o Círculo serviu de base para toda a análise e estudo desta pesquisa. Nessa perspectiva, buscamos responder as seguintes perguntas que originaram esta pesquisa: Qual a importância dos principais fatos da biografia e obra de Santa Teresinha do Menino Jesus? Quais são os principais conceitos de Bakhtin que servirão de base para analisar o *corpus*? Como ocorre o sentido de proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus apresentada por ela em seus escritos?

Em resposta à primeira pergunta, concluímos que os principais fatos biográficos de Santa Teresinha têm grande influência em seu texto, afinal, são manuscritos autobiográficos. Durante a descrição de sua vida em seus escritos, fica claro que Santa Teresinha dedicou toda sua vida a Deus e à igreja. Morreu muito jovem, aos vinte e quatro anos de idade, mas deixou uma história significativa e exemplar para o mundo. Essa carga emotiva de amor e temeridade a Deus é muito forte em seu discurso e é essencial para compreender-se sua proximidade com Deus.

Em relação à segunda pergunta, verificamos que alguns temas discutidos por Bakhtin em suas obras como, por exemplo, o tom emotivo-volitivo contido nas vozes do discurso, foram fundamentais para a análise do *corpus*. Dentre outros conceitos temos, por exemplo, o dialogismo que, segundo Bakhtin, os textos são originados a partir de outros textos e experiências anteriores, isto é, os discursos são perpassados por outros discursos realizados anteriormente. Nesse sentido, os escritos de Santa Teresinha de Jesus são, na verdade, um resultado de todas as experiências discursivas que ela teve durante sua breve vida. Portanto, seus textos são perpassados por outros discursos, nesse caso, religiosos tanto provenientes da bíblia como de escritores e poetas como, por exemplo, São João da Cruz, que refletiam sobre a religião católica.

Os gêneros do discurso é uma categoria muito importante que contribuiu com a análise dos escritos de Santa Teresinha, pois de acordo com a teoria bakhtiniana “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p.279) Logo, os manuscritos de Santa Teresinha podem ser considerados um gênero do discurso. Eles formam uma esfera, a religiosa, e suas características são do gênero carta, relativamente

estáveis que possuem um propósito comunicativo que é a comunicação entre suas irmãs para expor seus pensamentos e fatos biográficos.

O ato responsável, o tom emotivo-volitivo e a sua arquitetônica (eu-para-mim, o-outro-para-mim e o-eu-para-o-outro) são apresentados por Bakhtin em sua obra *Para uma filosofia do ato responsável* que também foram indispensáveis para a análise. De um modo geral, esses três conceitos trazem a reflexão sobre o ato-evento do enunciado. Bakhtin afirma que cada ser é responsável pelo enunciado que emite. E tal responsabilidade não permite que outro o faça em seu lugar. Pois cada ser é único e cada ato também é único. É nesse sentido que o ser é responsável também pelo tom emotivo-volitivo que insere em seu enunciado, pois naquele momento ele expõem o sentimento e pensamento no tom que é produzido o enunciado. Nos textos de Santa Teresinha, é perceptível, através de seu tom emotivo-volitivo, que ela tem uma proximidade filial com Deus quando apresenta a expressão “sua florzinha”. Desse modo Santa Teresinha é a única responsável pelo seu ato.

Por fim, após as análises desta pesquisa, a terceira e principal pergunta de pesquisa pode ser respondida. Com a teoria Bakhtiniana, que reflete sobre o ato discursivo do ser, é possível compreender através do discurso de Santa Teresinha do Menino Jesus presente em seus escritos, como se dá o sentido de proximidade com Deus, pois os conceitos de Bakhtin discutem justamente a responsabilidade, a emotividade e a relação entre o ser o seu enunciado singular produzido de acordo com sua unicidade.

Em termos de conclusão, o sentido de proximidade de Santa Teresinha do Menino Jesus com Deus se dá de maneira natural diante das experiências de vida e formação literária que ela teve durante toda a sua existência. Essa proximidade se explica, principalmente, pela certeza que ela tinha de sua vocação de ser freira. Além disso, toda a sua vida, desde seu nascimento, ela conviveu constantemente com sua fé em Deus. Tal fé que é responsável por sua total satisfação em servir a Deus, em suportar diversos eventos dolorosos da sua vida, bem como amar a Deus acima de tudo. Essa relação tão profunda que ela tinha com Deus não pode ser explicada pela ciência, é um mistério que está além do entendimento humano, mas não coube aqui, nesta pesquisa, justificar essa proximidade, mas sim compreender como ela se dá através de seus escritos.

Esta pesquisa contribui, então, com os estudos linguísticos que refletem sobre a ação discursiva do sujeito dando ênfase ao discurso religioso, mais especificamente à religião católica que, por sua vez, não é muito contemplada em estudos acadêmicos em

comparação com outros tipos de discurso religiosos como, por exemplo, o protestante. Também há a contribuição com os estudos bakhtinianos que cada vez mais vem ganhando adeptos, mas que ainda é uma teoria bastante complexa, porém, essencial para os estudos linguísticos da Análise do discurso.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. O Pesquisador e seu outro: **Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo**: Conversas em 1973 com Viktor Duvakin. Trad. Daniela MiotelloMondardo, a partir da edição italiana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p.12.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Trad. Valdemir Miotello& Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: editora WMF Martins fontes, 2011.

_____. **Problemas da Poética de Dostoievski**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1995.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Bakhtin, outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica constitutiva In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

HOUAISS, organizador; [editor responsável Mauro Salles Villar]. São Paulo: Moderna, 2011.

ORLANDI, EniPuccinell. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 2.ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____ (org.). **Palavra, fé, poder.** Campinas, SP: Pontes, 1987.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirré. **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Nos passos de Santa Teresinha do Menino Jesus.** São Paulo: Paulus, 2014.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

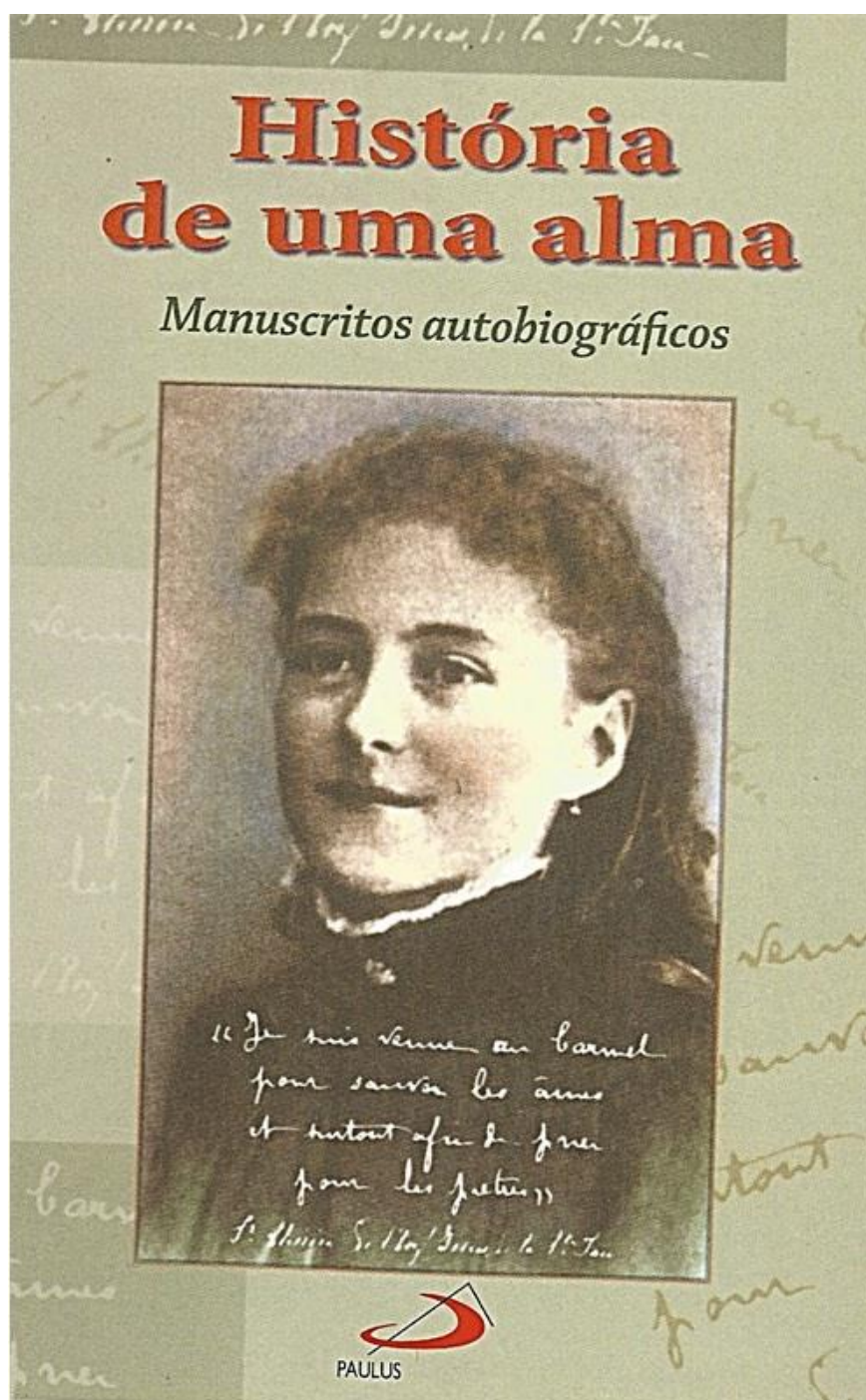
SWALES, J.M. **Genre analysis:** English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.

TERESA DO MENINO JESUS, Santa. **História de uma alma:** manuscritos autobiográficos / Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face; [tradução das Religiosas do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e de santa Teresinha]. — São Paulo: Paulus, 1986.

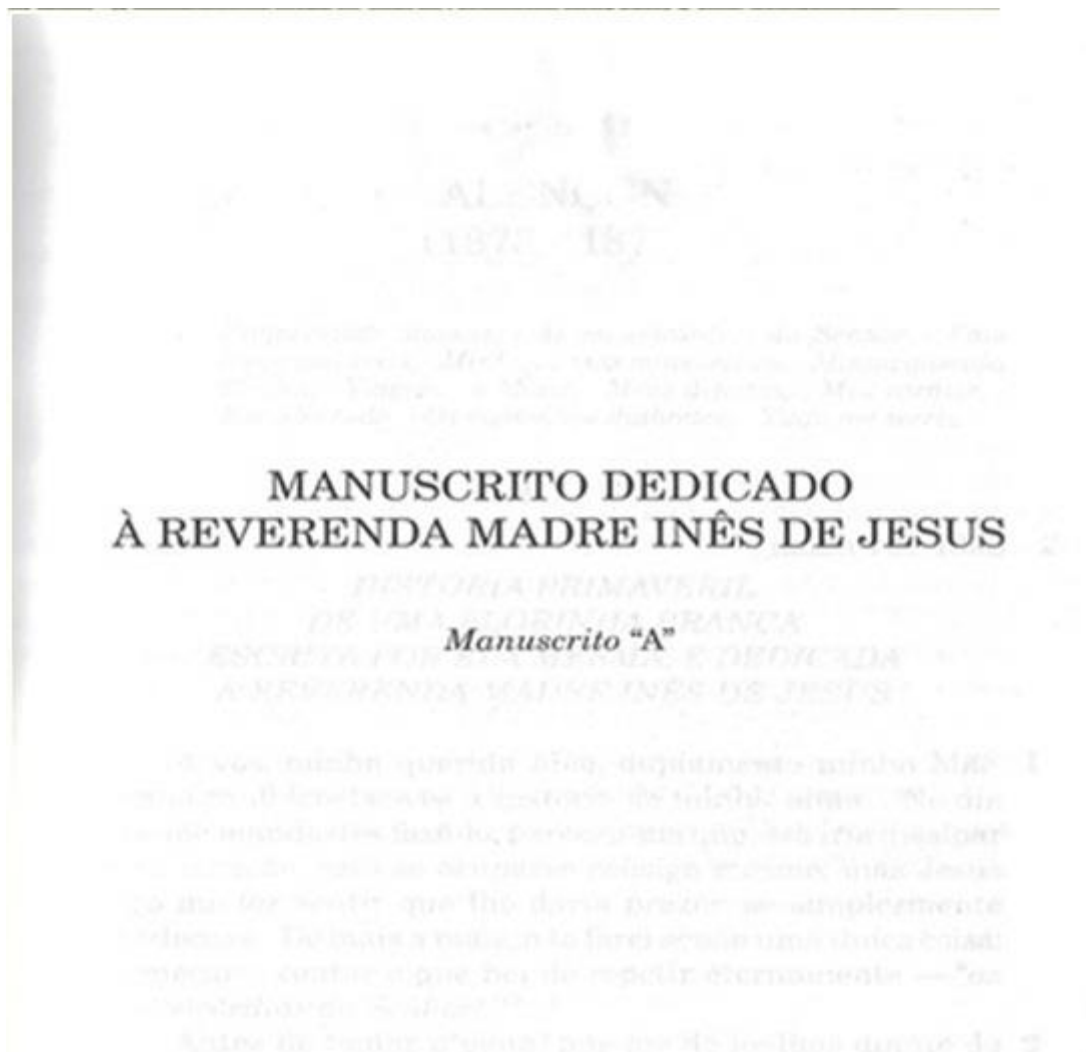
VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXOS

ANEXO A – Capado Manuscrito de Santa Teresinha



ANEXO B – Página de identificação do manuscrito analisado



ANEXO C – Fragmento 01

Capítulo I

ALENÇON
(1873 - 1877)

Preferências divinas, - As misericórdias do Senhor, - Pais incomparáveis, - Minhas irmãs mais velhas, - Minha querida Celina, - Viagem a Mans, - Meus defeitos, - Meu caráter, - Escolho tudo, - Os medonhos diabretes, - Tudo me sorria.

J. M. J. T

Jesus + janeiro de 1895 2

*HISTÓRIA PRIMAVERIL
DE UMA FLORINHA BRANCA
ESCRITA POR ELA MESMA, E DEDICADA
À REVERENDA MADRE INÊS DE JESUS*

A vós, minha querida Mãe, duplamente minha Mãe, ¹ venho confidenciar-vos a história de minha alma... No dia que me mandastes fazê-lo, pareceu-me que isso iria dissipar meu coração, caso se ocupasse consigo mesmo, mas Jesus logo me fez sentir que lhe daria prazer, se simplesmente obedecesse. De mais a mais, não farei senão uma única coisa: Começar a contar o que hei de repetir eternamente — “as misericórdias do Senhor!!!”...¹

Antes de tomar a pena, pus-me de joelhos diante da ² estátua de Maria² (daquela que tantas provas nos dera das maternais predileções da Rainha do céu por nossa família), supliquei-lhe me guiasse a mão a fim de que não trace uma só linha que lhe não seja agradável. Em seguida, abrindo o Santo Evangelho, meus olhos depara-

¹ Cf. Sl. 88, 2.

² A “Virgem do Sorriso”, que atualmente encima a urna da Santa. O Sr. e a Sra. Martin tinham peculiar veneração pela estátua (cf. cap. III, nota 11). Em janeiro de 1895, encontrava-se na antecâmara da cela de Teresa.

ANEXO D – Fragmento 02

- a cabeça e vejo que em mim se verificam as palavras do salmo 22. (O Senhor é meu Pastor, nada me faltará. Em
 3v amenas e férteis pastagens me faz repousar. Ele conduz-me docemente ao longo das águas. Guia minha alma sem lhe
 9 causar fadiga... Ainda que descera ao vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque Vós estareis comigo, Senhor!...)³ O Senhor sempre foi compassivo para comigo e cheio de doçura... Tardio no castigo, copioso em misericórdia... (Sl. 102, v. 8). Portanto, minha Mãe, com satisfação é que venho cantar, junto a vós, as misericórdias do Senhor... Para vós *tão-somente* escreverei a história da *florinha* que Jesus colheu. Vou também falar despreocupada, sem me incomodar nem com o estilo nem com as inúmeras digressões que hei de fazer. Um coração de mãe sempre entende sua filha, muito embora esta só saiba balbuciar, tenho pois a certeza de ser compreendida e adivinhada por vós que me formastes o coração e o ofertastes a Jesus!...
- 10 Parece-me que se uma florzinha conseguisse falar, limitar-se-ia a dizer o que o Bom Deus fez por ela, sem tentar esconder seus benefícios. Sob capa de falsa humildade, não diria que é sem graça e sem perfume, que o sol lhe roubou a elegância e que as tempestades lhe alquebraram a haste, enquanto em si própria reconhece ser tudo ao contrário. A flor que vai narrar sua história folga em ter que publicar os
- 11 obséquios totalmente gratuitos por parte de Jesus. Reconhece que, em si própria, nada seria capaz de atrair seus olhares divinos, e que *tão-somente* sua misericórdia produziu tudo o que nela há de bom... Foi Ele que a fez nascer em terra santa, como que toda impregnada de *virginal perfume*. Foi Ele que lhe fez precederem oito Lírios rutilantes de brancura. Quis, em Seu amor, preservar sua florzinha do sopro malévol do mundo. Mal começara sua corola a entreabrir-se, o Divino Salvador transplantou-a sobre a montanha do Carmelo onde já exalavam seu suave perfume os dois Lírios que a tinham

³ Sl 22,1-4.

ANEXO E – Fragmento 03

- ram com estas palavras: — “Tendo Jesus subido a uma montanha, chamou a si os que *eram de seu agrado*; e eles
- 3 aproximaram-se Dele” (Mc 3,13). Eis aí exatamente o mistério de minha vocação, de toda a minha vida, sobretudo o mistério dos privilégios de Jesus em favor de minha alma... Não chama os que disso são dignos, mas os que *são de seu agrado*, ou conforme diz São Paulo — : “Deus tem compaixão de quem lhe apraz, e faz misericórdia a quem Ele quer aplicar misericórdia. Isto, portanto, não depende de quem quer, nem de quem corre, mas de Deus que se compadece” (Epíst. aos Rm. 9,15-16).
- 4 Durante muito tempo perguntava a mim mesma por que Deus tinha preferências, por que todas as almas não recebiam igual medida de graças. Admirava-me de vê-lo
- 2v prodigalizar favores extraordinários a Santos que o tinham ofendido, como São Paulo, Santo Agostinho, e aos quais forçava, por assim dizer, a receberem suas graças; ou então, ao ler a vida dos Santos, que Nosso Senhor se comprazia em acarinhá-los desde o berço até ao túmulo, sem lhes deixar no caminho nenhum tropeço que os tolhesse de se levantarem até Ele, e em predispor essas almas com tais favores, a ponto de não poderem empanar o brilho imaculado de sua veste batismal, perguntava-me a mim mesma, por que os pobres selvagens, por exemplo, morriam em grande número, antes mesmo de terem ouvido pronunciar o nome de Deus... Dignou-se Jesus esclarecer-me a respeito deste mistério. Pôs-me
- 5 diante dos olhos o livro da natureza, e compreendi que todas as flores por Ele criadas são formosas, que o esplendor da rosa e a brancura do lírio não eliminam a fragância da violetinha nem a encantadora simplicidade da bonina... Fiquei entendendo que se todas as florzinhas quisessem ser rosas, perderia a natureza sua gala primaveril, já não ficariam os vergéis esmaltados de florinhas...
- Outro tanto acontece no mundo das almas, que é o jardim de Jesus. Quis Ele criar os grandes Santos que podem comparar-se aos lírios, e às rosas; mas criou-os também mais

ANEXO F – Fragmento 04

- comecei a falar e Mamãe me perguntava — “Em que pensas?” a resposta era invariável — “Em Paulina!...” Outra ocasião, fazia o dedinho deslizar na vidraça e dizia — “Vou escrever: Paulina!...” Muitas vezes ouvia falar que Paulina seria certamente *religiosa*. Então, sem lá saber muito bem de que se tratava, pensava comigo: Também *serei religiosa*. Esta é uma das [minhas]¹⁰ primeiras recordações, e, desde então, nunca mudei de resolução!... Fostes vós, minha Mãe querida, a quem Jesus escolheu para me fazer esposa Dele. Não estáveis então junto a mim, mas já se haviam formado um elo entre nossas almas... Vós éreis o meu *ideal*, queria assemelhar-me a vós, e foi vosso exemplo que desde a idade de dois anos me atraiu ao esposo das virgens... Oh! que doces reflexões não vos quereria confiar! — Mas devo prosseguir com a história da florzinha, com sua história completa e geral, pois se quisesse falar minuciosamente de minhas ligações com “Paulina”, deveria deixar de lado tudo o mais!...
- 22 Minha queridinha Leônia também me tomava grande parte do coração. Queria-me muito bem, era quem ficava comigo à tarde, quando toda a família saía a passeio... Tenho ainda a impressão de ouvir as lindas trovas que cantava para me adormecer... Em todas as coisas procurava um meio de me dar prazer. De minha parte, ficaria bem sentida, se algum desgosto lhe causasse.
- 6v 23 Lembro-me perfeitamente de sua Primeira Comunhão¹¹, sobretudo desde o momento em que me tomou nos braços para me fazer entrar junto com ela no presbitério. Afigurou-se-me tão lindo ser levada assim por uma irmã grande, toda de branco igual a mim!... À noite fizeram-me deitar cedo, pois era muito pequena para ficar até o solene jantar. Entretanto, vejo ainda Papai vir, à hora da sobremesa, trazer para sua rainhazinha pedaços do bolo de festa...

¹⁰ Os termos esquecidos por Teresa, e não acrescentados por mão estranha no manuscrito, figuram neste trecho entre colchetes.

¹¹ A 23 de maio de 1875. Teresa tinha, portanto, dois anos e meio de idade.

ANEXO G – Fragmento 05

37 Um dia, julgando-se muito crescida para brincar com boneca, Leônia veio procurar-nos a nós duas com uma cesta cheia de vestidos e de lindos retalhos para fazer outros; por cima estava colocada sua boneca. — “Tomai lá, minhas irmãzinhas, diz-nos ela, *escolhei*, dou-vos tudo isto”. Celina estendeu a mão e tomou um pacotinho de cordões que lhe agradava. Após um instante de reflexão, estendi a mão por minha vez e declarei: — “Escolho *tudo!*” e apoderei-me da cesta sem outra formalidade. As testemunhas da cena acharam o caso muito justo, a própria Celina nem pensou em reclamar. (Aliás, brinquedos não lhe faltavam, seu padrinho cumulava-a de presentes e Luísa descobria meios de arrumar-lhe tudo quanto desejasse.)

Este pequeno episódio de minha infância é o apanhado de toda a minha vida. Mais tarde, quando se me tornou evidente o que era perfeição, compreendi que para se tornar *santa* era preciso sofrer muito, ir sempre atrás do mais perfeito e esquecer-se a si mesmo. Compreendi que na perfeição
10v havia muitos graus e que cada alma era livre no responder às solicitações de Nosso Senhor, no fazer muito ou pouco por Ele, numa palavra, no *escolher* entre os sacrifícios que exige. Então, como nos dias de minha primeira infância, exclamei: “Meu Deus, *escolho tudo*”. Não quero ser *santa pela metade*. Não me faz medo sofrer por vós, a única coisa que me dá receio é a de ficar com minha *vontade*. Tomai-a vós, pois “*escolho tudo*” o que vós quiserdes!...”

38 É forçoso que pare, pois não devo ainda falar-vos de minha juventude, mas da estouvadinha aos quatro anos de idade. Lembro-me de um sonho que devo ter tido por volta dessa idade e que me calou profundamente na imaginação. Sonhei uma noite que saía a passear sozinha pelo jardim. Chegando ao pé dos degraus que precisava subir para ali chegar, me detive tomada de pavor. Diante de mim, rente ao caramanchão, havia uma barrica de cal e sobre a barrica dançavam, com espantosa agilidade, dois *medonhos diabinhos*, não obstante os ferros de engomar que tinham

ANEXO H – Fragmento 06

frente do meu jardimzinho. Então eu gritava: “Papai, abre os olhos!” Ele abria-os e extasiava-se para me dar prazer, admirando o que eu julgava ser uma obra-prima!... Seria um nunca acabar se quisesa contar mil pequenos episódios desse gênero, que me acodem profusamente à memória... Ah! como poderia enumerar todos os carinhos que “Papai” prodigalizava à sua rainhazinha? Há coisas que o coração sente, mas que a palavra e a própria ideia não conseguem formular... 14v

Bonitos para mim eram os dias em que meu “rei querido” me levava à pescaria consigo. Tinha tanto amor ao campo, às flores e às aves! Tentava às vezes pescar com minha varinha, mas de preferência ia sentar *sozinha* na relva florida. Meus pensamentos aprofundavam-se bastante e, sem saber o que era meditar, minha alma mergulhava em autêntica oração... Ouvia ruídos longínquos... O murmúrio do vento e até a música indecisa de soldados, cuja sonoridade me chegavam aos ouvidos, melancolizavam suavemente meu coração... A terra parecia-me lugar de degredo, e eu sonhava com o Céu... A tarde passava rápida, e dentro em pouco era hora de regressar aos Buissonnets. Antes de partir, porém, tomava o lanche trazido no meu cestinho. Mudara de aspecto, a *linda* merenda com geleia de fruta que me tínheis preparado. Em lugar da cor ativa, já não via senão uma ligeira mancha cor-de-rosa, toda ressequida e amarrotada... Então a terra se me apresentava mais tristonha ainda, e compenetrava-me de que só no Céu haverá alegria sem nuvens... 50

A propósito de nuvens, lembro-me de que um dia o formoso Céu azul campestre se anuviou e logo começou a rugir a tempestade. Os relâmpagos sulcavam as nuvens carregadas, e vi cair um raio a pouca distância. Longe de ficar com medo, extasiava-me, tendo a impressão de que o Bom Deus estava tão perto de mim!... Papai não estava, de modo algum, tão contente como sua rainhazinha. Não que a tempestade lhe incutisse medo, mas porque a relva e as 15

ANEXO I – Fragmento 07

- Maria e obrigou-me a pedir perdão, o que, porém, fiz sem contrição, por achar merecido o título de *pirralho*, uma vez que não quis estender seu *grande braço* para me prestar
- 55 um *pequeno serviço*... Entretanto, ela me queria muito, e também eu gostava muito dela. Um dia, tirou-me de *grande risco* em que caíra por culpa minha. Estava Vitória a passar roupa, e tinha ao lado um balde com água dentro. Eu, porém, olhava para ela balançando-me numa cadeira (como era meu costume), e de repente me escapa a cadeira e caio, não no chão, mas no *fundo do balde!!!*... Os pés tocavam na cabeça, e eu enchia o *balde* como o pintinho enche o ovo!... A pobre da Vitória contemplava-me com um extremo de surpresa, pois nunca tinha visto situação igual. Tinha todo o empenho de safar-me quanto antes do meu *balde*, coisa que resultava impossível. Minha prisão era tão ajustada que eu não lograva fazer nenhum movimento. Com um pouco de dificuldade, ela salvou-me do meu *grande perigo*, mas não salvou meu vestido e tudo o mais, de sorte que tive de trocar a roupa, pois estava molhada como uma sopa.
- 56 — Outra ocasião caí dentro da lareira. Felizmente o
- 16v fogo não estava aceso. Vitória não teve senão o incômodo de levantar-me e sacudir a cinza de que ficara coberta. Foi numa quarta-feira, quando estáveis no ensaio de canto com Maria, que todos esses reveses me aconteceram. Foi também numa quarta-feira que o Padre Ducellier⁸ veio visitar-nos. Como Vitória lhe dissesse que não havia ninguém em casa senão Teresinha, ele entrou na *cozinha* para me visitar e olhou minhas lições. Fiquei orgulhosa por receber meu *confessor*, porque pouco tempo antes me tinha confessado pela primeira vez. Que suave lembrança para mim!...
- 57 — Ó minha Mãe querida! com que solicitude me preparastes, quando me explicastes que não era a um homem, mas ao Bom Deus que iria contar meus pecados. Disto estava tão convicta, que fiz minha confissão com grande

⁸ Vigário Cooperador na Catedral de São Pedro em Lisieux.

ANEXO J – Fragmento 08

velada durante a Paixão, assim também a face de seu fiel servidor devia ficar velada nos dias de suas dores, a fim de que pudesse refulgir na Pátria Celeste junto a seu Senhor, o Verbo Eterno!... Do meio dessa glória inefável, quando já reinava no Céu, nosso querido Pai obteve-nos a graça de compreendermos a visão que sua rainhazinha tivera, numa idade em que não se teme uma ilusão. Foi em meio à sua glória que nos alcançou a doce consolação de compreendermos que, 10 anos antes de nossa grande provação, o Bom Deus já no-la dava a conhecer, à semelhança de um pai que deixa seus filhos entreverem o glorioso porvir que lhes prepara, comprazendo-se em avaliar de antemão as inapreciáveis riquezas que constituirão sua herança...

Ah! por que foi a mim que o Bom Deus comunicou tal iluminação? Por que mostrou, a criança tão pequena, uma coisa que não podia compreender: coisa que, se fosse por ela compreendida, viria a matá-la de dor, por quê?... Aqui está um dos mistérios que, sem dúvida, compreenderemos no Céu, e será objeto de nossa eterna admiração!...

Como o Bom Deus é bom!... Envia as provações na medida de nossas forças. Nunca, como acabo de afirmá-lo, poderia suportar a própria ideia dos amargos sofrimentos que o futuro me reservava... Sem frêmito não conseguia sequer pensar em que o Papai podia morrer... Certa vez subira ele ao topo de uma escada e como me encontrava justamente por debaixo, gritou-me: “Arreda-te, *filhinha*, se despencar, esmago-te”. Ao ouvir isso, tive uma reação interior. Em vez de afastar-me, apoiei-me contra a escada, pensando comigo: “Pelo menos, se o Papai cair, não terei a dor de vê-lo morrer, pois morrerei com ele”. Não consigo externar quanto amava Papai. Tudo nele me causava admiração. Quando me explicava suas ideias (como se fora menina crescida), dizia-lhe com sinceridade que, por certo, se falasse tudo isso aos grandes homens do governo, toma-lo-iam para o constituir *Rei*, e que então a França seria feliz como nunca o fora antes. . . No fundo, porém, alegrava-me (e disso me inculpava como de

ANEXO K – Fragmento 09

grandes graças nesse dia, e considero-o como um dos mais belos de minha vida...

82 Retrocedi um pouco no assunto para reavivar esta deliciosa e carinhosa reminiscência. Devo, agora, falar da dolorosa provação que veio partir o coração de Teresinha, quando Jesus lhe arrebatou a querida *mamãe*, a sua *Paulina*, tão afetuosamente amada!...

Um dia dissera à Paulina que queria ser anacoreta, partir com ela para um deserto longínquo. Deu-me por resposta que meu desejo era também o seu, e que *esperaria* até que eu fosse bastante grande para a partida. Isto, sem dúvida, não fora dito seriamente, mas Teresinha tinha-o levado a sério. Por conseguinte, qual não foi sua dor ao ouvir, um dia, sua querida Paulina falar com Maria de sua próxima entrada no Carmelo... Não sabia o que era Carmelo, mas entendia que Paulina me deixaria para entrar num convento. Entendia que não *esperaria por mim*, e que eu perderia minha segunda Mãe!... Oh! Como descrever a angústia do meu coração?... Compreendi num instante o que era a vida. Até ali não a tinha visto tão tristonha, mas então se me deparou em toda a sua realidade. Vi que não era senão sofrimento e separação contínua. Derramei lágrimas bem amargas, pois ainda não compreendia o gozo do sacrifício. Era *fraca, tão fraca*, que tomo por grande graça ter podido suportar uma provação que parecia colocar-se muito acima de minhas forças... Se ficasse sabendo, aos poucos, da partida de minha querida Paulina, talvez meu sofrimento não fora tanto. Mas, tê-lo sabido de surpresa foi como se uma espada se me cravasse no coração...

83 Sempre me lembrarei, minha querida Mãe, com que ternura me consolastes... Depois, explicastes-me a vida do Carmelo, a qual se me afigurou muito bonita! Ao repassar pelo espírito tudo quanto me falastes, senti dentro de mim ser o Carmelo o *deserto onde o Bom Deus* queria que fosse também esconder-me. Senti-o com tanta veemência que não tive a mínima dúvida no coração. Não era um devaneio de

ANEXO L – Fragmento 10

Ao cabo de alguns minutos, pus-me a chamar quase que à surdina: “Mamã... Mamã”. Habituada a ouvir-me sempre chamar assim, Leônia não me deu atenção. Isso durou muito tempo. Então chamei mais forte, e por fim Maria voltou. Vi perfeitamente quando entrou, mas não conseguia dizer que a reconhecia, continuando a chamar cada vez mais forte: “Mamã...” *Padecia muito* com a luta violenta e inexplicável, e Maria talvez sofresse mais do que eu. Após baldados esforços para me mostrar que estava junto a mim¹³, pôs-se de joelhos perto de minha cama, com Leônia e Celina. Voltando-se depois para a Santíssima Virgem, e rezando-lhe com o fervor de *uma mãe* que pede pela vida de sua filha, *Maria* alcançou o que desejava. . .

Por não encontrar nenhuma ajuda na terra, a coitada da Teresinha também se voltara para sua Mãe do Céu, suplicando-lhe de todo o coração, tivesse enfim piedade dela... De repente, a Santíssima Virgem me pareceu *bela, tão bela*, como nunca tinha visto nada tão formoso. O rosto irradiava inefável bondade e ternura, mas o que me calou no fundo da alma foi o “*empolgante sorriso da Santíssima Virgem*”. Nesta altura, desvaneceram-se todos os meus sofrimentos. Das pálpebras me saltaram duas grossas lágrimas e deslizaram silenciosas sobre as faces. Eram lágrimas de uma alegria sem inquietação... Oh! pensei comigo, a Santíssima Virgem sorriu para mim, como sou feliz... Mas, nunca jamais o contarei a ninguém, porque então *desapareceria minha felicidade*. Sem nenhum esforço, baixei os olhos e enxerguei Maria que olhava para mim com amor. Parecia emocionada e dava impressão de suspeitar o favor que a Santíssima Virgem me concedera... Oh! era exatamente a ela, às suas

¹³ Ela (Maria) voltou-se para Leônia, segredou-lhe uma palavra, e desapareceu pálida e trêmula.

Minha querida Leônia logo me levou para perto da janela. Vi então no jardim, sem a reconhecer ainda, Maria, que caminhava lentamente, a estender os braços para mim, a sorrir-me, e a chamar por mim, com toda a meiguice de sua voz: “Teresa, minha Teresinha!” Como esta última tentativa não surtisse efeito (...).

ANEXO M – Fragmento 11

das mais vivas impressões que me incitavam à prática da virtude... Ficava horas esquecidas a contemplá-las. A *Florzinha* do Divino Prisioneiro, por exemplo, falava-me de tantas coisas, que me deixavam embevecida¹. Vendo o nome de *Paulina* escrito embaixo da florzinha, queria que o de Teresa também o fosse, e oferecia-me a Jesus para ser sua *florzinha*...

Se não sabia brincar, gostava muito de ler, e nisso levava 98
minha vida. Por sorte, para me guiarem, havia *anjos* da terra, que para mim selecionavam livros que me distraíssem e ao mesmo tempo me alimentassem o espírito e o coração. Depois só devia aplicar certo tempo na leitura, o que me impunha grandes sacrifícios, interrompendo às vezes minha leitura no meio do trecho mais empolgante... O atrativo pela leitura durou até minha entrada para o Carmelo. Não poderia indicar o número de livros que me passaram pelas mãos. Mas, o Bom Deus nunca permitiu que lesse um só deles, capaz de me prejudicar.

Verdade é, na leitura de certas histórias de cavalaria, nem sempre sentia, no primeiro instante, a verdade da vida. 32
O Bom Deus, porém, de pronto me fazia intuir que a verdadeira glória é a que dura eternamente, não havendo, para sua consecução, necessidade de realizar obras aparatosas, mas de esconder-se e praticar a virtude, de molde a não saber a mão esquerda o que faz a direita²... Foi assim que, lendo a narração dos feitos patrióticos de heroínas francesas, mormente da Venerável JOANA D'ARC, sentia grande desejo de 99
imitá-las. Parecia verificar em mim o mesmo ardor de que estavam animadas, a mesma inspiração celestial.

Recebi, então, uma graça que sempre tomei como uma das maiores de minha vida, pois nessa idade não recebia, como agora, as *luzes* em que estou imersa. Cuidava que nasceria para a *glória*, e como procurasse um meio de alcançá-la, o Bom Deus inspirou-me os sentimentos que acabo

¹ Quer dizer: profundamente recolhida.

² Cf. Mt 6,3.

ANEXO N – Fragmento 12 e 13

dos olhos... Não aconteceu assim. Só encontrei amargura, onde almas mais robustas deparam com alegria, e desta se desfazem por fidelidade. Não tenho, portanto, nenhum mérito em me não ter entregue ao amor das criaturas, uma vez que só fui preservada pela grande misericórdia do Bom Deus!... Reconheço que, sem ele, poderia cair tão baixo como Santa Madalena. E com grande doçura ecoa em minha alma a profunda palavra de Nosso Senhor a Simão... Eu o sei, “menos AMA 120 aquele a quem menos se perdoa”¹⁶. Mas, não ignoro também que a mim Jesus perdoou mais do que a Santa Madalena, pois me perdoou por antecipação, porquanto me impediu que caísse. Oh! pudera explicar o que sinto!... Dou aqui um exemplo que traduzirá um pouco meu modo de pensar. — Suponho que o filho de um entendido doutor depare no caminho com uma pedra, que o faz cair e fraturar um membro. De pronto lhe acorre o pai, ergue-o com amor, pensa-lhe as feridas, aplicando todos os recursos de sua arte. E o filho, completamente curado, logo lhe testemunha sua gratidão. Não resta dúvida, o filho tem todo o motivo de querer bem ao Pai! Farei, contudo, outra suposição ainda.

— Sabendo que no caminho do filho se encontra uma pedra, o pai apressa-se em tomar a dianteira, e remove-a, sem que ninguém o veja. O filho, por certo, objeto de seu providente carinho, não TENDO CONHECIMENTO da 39 desgraça, da qual o pai o livrara, não lhe mostrará gratidão, e ter-lhe-á menos amor do que se fora curado por ele... Mas se vem a conhecer o perigo, do qual acaba de escapar, não o amará mais? Ora, tal filha sou eu, objeto do amor providente do Pai, que enviou seu Verbo para resgatar não os justos, mas os pecadores¹⁷. Quer que o ame, porque me perdoou, não digo muito, mas TUDO. Não esperava que eu muito o amasse, como Santa Madalena, mas quis que SOUBESSE como me amou com um amor de *inefável providência*, a fim de que

¹⁶ Lc 7,47.

¹⁷ Cf. Mt 9,13.

ANEXO O – Fragmento 14

dos meus sapatos na lareira, e proferisse estas palavras que me atravessaram o coração: “Afinal, que sorte ser este o último ano!...” Então, subia eu a escada para tirar o chapéu. Conhecendo minha sensibilidade, e vendo lágrimas brilharem em meus olhos, Celina também estava bem a ponto de chorar, pois me queria muito bem e compreendia minha mágoa: “Ó Teresa, disse-me ela, não desças. Ser-te-ia por demais custoso ir neste momento ver o que há nos teus sapatos”. Teresa, porém, já não era a mesma. Jesus transformara-lhe o coração. Depois de sufocar minhas lágrimas, desci rapidamente a escadaria. A comprimir as batidas do coração, peguei meus sapatos, coloquei-os diante do Papai, e fui tirando *alegre* todos os objetos, com ar feliz de uma rainha. Papai ria-se, tinha também recuperado a alegria, e Celina estava sob a impressão de um sonho!... Felizmente, era uma doce realidade. Teresinha reencontrara a força de ânimo que perdera aos quatro anos e meio, e conserva-la-ia para sempre!...

A partir desta *noite de luz*, começou o terceiro período de minha vida, o mais belo de todos, o mais repleto de graças do Céu... A tarefa que em dez anos não me foi possível desempenhar, Jesus a executou num ápice, contentando-se com minha *boa vontade*, que nunca me faltou. Como seus Apóstolos, poderia dizer-lhe: “Senhor, pesquei toda a noite, e nada apanhei”². Para comigo, mais misericordioso ainda, do que para com seus Discípulos, o *próprio Jesus* tomou a rede, lançou-a, e recolheu-a cheia de peixes... Fez-me pescadora de *almas*. Senti grande desejo de trabalhar pela conversão dos pecadores, desejo que nunca sentira de maneira tão pronunciada... Senti, numa palavra, a *caridade* penetrar-me no coração, a necessidade de esquecer-me a mim mesma, para dar prazer, e, desde então, fui feliz!...

Quando num domingo olhava uma gravura de Nosso Senhor na Cruz, impressionei-me com o sangue que escorria

² Lc 5,5.

ANEXO P – Fragmento 15

coragem para continuar a rezar pelos pecadores, declarei ao Bom Deus que estava muito segura de seu perdão ao mísero e desditoso Pranzini; que nisso acreditaria, apesar de que *não se confessasse nem manifestasse alguma sombra de arrependimento*, tanta era a minha confiança na infinita misericórdia de Jesus; mas, que para meu simples consolo lhe pedia, unicamente, um “sinal” de arrependimento...

Minha oração foi atendida ao pé da letra! Não obstante a determinação de Papai não lêssemos nenhum jornal, julguei não estar desobedecendo, quando lia os tópicos que se referiam a Pranzini. No dia imediato à execução, tomo em mãos o jornal *La Croix*. Abro-o pressurosa, e que vejo?... Oh! minhas lágrimas traíram minha emoção, foi preciso recatar-me... Não tendo confessado, Pranzini subiu ao patíbulo e preparava-se para meter a cabeça no lúgubre orifício, quando, levado por súbita inspiração, se volta e toma o *Crucifixo*, que o sacerdote lhe apresentava, *beijando três vezes as Sagradas Chagas!*... Sua alma foi então receber a *miserericordiosa* sentença Daquele que declara haver no Céu maior alegria por causa de um só pecador que faz penitência, do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência!⁵...

Obtive o “sinal” pedido, e o sinal era uma expressão fiel de graças que Jesus me tinha outorgado, para me induzir a rezar pelos pecadores. Não foi diante das *Chagas de Jesus*, vendo correr seu *Sangue* Divino, que a sede de almas me calou no coração? Queria eu dar-lhes a beber esse *Sangue imaculado*, e os lábios do “meu primeiro filho” foram colar-se às sagradas chagas!!!!... Que resposta de inefável doçura!... Oh! a partir dessa graça singular, dia por dia se avolu-mava meu desejo de salvar almas. Tinha a impressão de que Jesus me dizia, como à samaritana: “Dá-me de beber!”⁶ Era um verdadeiro intercâmbio de

⁵ Lc 15,7.

⁶ Jo 4,7.

ANEXO Q – Fragmento 16

não dispunha de outro alimento espiritual. Mais tarde, porém, todos os livros me deixavam na aridez, e ainda continuo nesse estado. Se abro um livro escrito por algum autor espiritual (ainda que seja o mais lindo, o mais edificante), sinto logo o coração fechar-se, e leio, por assim dizer, sem compreensão; ou, quando compreendo, meu espírito pára sem poder meditar... Nessa impossibilidade, a Sagrada Escritura e a *Imitação de Cristo* vêm em meu socorro. 83v
Nelas encontro alimento sólido e todo *puro*. Mas, acima de tudo, é o *Evangelho* que me entretém em minhas orações. Nele encontro tudo quanto minha pobre alminha necessita. Nele sempre encontro novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos...

Compreendo, e sei por experiência, que o “Reino de Deus está dentro de nós”²⁷. Jesus não precisa de livros nem de doutores para instruir as almas. Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras²⁸... Nunca o ouvi falar, mas sinto que está dentro de mim a cada instante. É quem me orienta, inspirando-me o que devo dizer ou fazer. Exatamente quando se faz mister, descubro luzes que ainda não tinha enxergado. O mais das vezes, não é durante minhas orações que ocorrem mais abundantes, mas de preferência em minhas ocupações diárias...

Ó minha Mãe querida! Depois de tantas graças, não poderei cantar com o Salmista: “Como é BOM o Senhor, e como sua MISERICÓRDIA é eterna”?²⁹ Parece-me que, se todas as criaturas possuíssem as mesmas graças que eu, o Bom Deus não seria temido por ninguém, mas amado até à loucura; e por *amor*, não a tremer, nenhuma alma jamais consentiria em Lhe causar desgosto... Compreendo, todavia, que nem todas as almas podem ser semelhantes. Força é que haja várias categorias, a fim de enaltecerem de modo especial cada uma das perfeições do Bom Deus. A mim me deu sua

²⁷ Lc 17,21.

²⁸ Cf. *Imit. de Cristo* III 43,3.

²⁹ Sl 117,1.

ANEXO R – Fragmento 17

Estudava, tomava aulas de desenho com Celina³⁰, e minha habilidosa professora descobria em mim muitas aptidões para a sua arte. Crescia, sobretudo, no amor do Bom Deus, sentia no coração uns frêmitos até então desconhecidos, tinha às vezes verdadeiros transportes de amor. Uma noite, não sabendo como declarar a Jesus que o amava, e quanto o desejava amado e glorificado em toda a parte, veio-me o doloroso pensamento que do inferno não poderia ele jamais receber um único ato de amor. Então declarei ao Bom Deus que, para lhe dar prazer, de boa mente consentiria em ver-me ali imersa, a fim de que ele fosse eternamente *amado* nesse lugar de blasfêmia... Era de meu conhecimento que isso não poderia glorificá-lo, mas quando a gente ama, sente a necessidade de dizer mil desatinos. Se falava assim, não era porque o Céu não excitasse minha ambição. Mas, no caso, minha imagem do Céu não era outra senão o Amor, sentindo, como São Paulo, que nada poderia apartar-me do divino objeto que me fascinara!³¹...

52v

Antes de abandonar o século, o Bom Deus deu-me a consolação de conhecer mais de perto *almas de criança*. Por ser a mais nova da família, nunca tivera essa ventura. Eis as tristes circunstâncias que me proporcionaram. Uma pobre mulher, parente de nossa empregada, morreu na flor da idade e deixou três filhinhos. Durante sua doença, recolhemos em casa as duas menininhas, a mais velha das quais não tinha ainda seis anos.

148

Dedicava-me a elas o dia inteiro, e dava-me grande prazer verificar com que candura acreditavam tudo o que lhes falasse. Certo é que o santo Batismo deposita nas almas um germe muito profundo das virtudes teologais, uma vez que já se manifestam desde a infância, e que a esperança dos bens futuros é quanto basta para levar à

³⁰ Celina dera à irmã aulas de desenho no *primeiro semestre* de 1887, como o demonstra uma série de esboços, datados por mão de Teresa (fevereiro-maio).

³¹ Rm 8,39.

ANEXO S – Fragmento 18

*Bispo*³³. Eu que nunca tinha necessidade de falar senão para responder a perguntas que me fizessem, devia por mim mesma explicar a finalidade de minha visita, expor as razões que me levavam a solicitar a admissão no Carmelo. Numa palavra, devia demonstrar a firmeza de minha vocação. Oh! quanto me não custou fazer a viagem! Foi preciso Deus conceder-me uma graça toda especial, para que vencesse minha grande timidez... Não deixa de ser muito verdadeiro que “*o amor jamais encontra impossibilidades, porque para si mesmo crê ser tudo possível e tudo permitido*”³⁴. De fato, foi só o amor de Jesus que me pôde fazer superar essas dificuldades e as outras seguintes, pois foi de seu agrado fazer-me realizar minha vocação através de provas muito grandes...

Hoje, que desfruto a solidão do Carmelo (*repousando à sombra daquele, a quem tanto tinha desejado*)³⁵, acho que adquirir minha felicidade sem muita labuta, e, para sua aquisição, estaria disposta a curtir sofrimentos muito maiores, se ainda não a possuía!

- 151 *Chovia* a cântaros, quando chegamos a Bayeux. Papai, que não queria ver sua rainhazinha entrar no bispado com o belo vestido todo molhado, fê-la subir a um ônibus e levou-a até a catedral. Ali começaram minhas lástimas. O Sr. Bispo e todo o clero assistiam a um enterro solene. A igreja estava cheia de senhoras em trajes de luto, e todos reparavam em mim com meu vestido claro e chapéu branco. Minha vontade era sair da igreja, mas nem podia pensar nisso por causa da chuva, e, para minha maior humilhação, o Bom Deus permitiu que Papai, em sua patriarcal simplicidade, me fizesse avançar até a abside da catedral. Não querendo magoá-lo, conformei-me de boa vontade, e dei oportunidade de ficarem distraídos os bons cidadãos de Bayeux, os quais desejaria não tê-los jamais conhecido... Pude enfim respirar

³⁴ *Imit. de Cristo* III, 5,4.

³⁵ Ct 2,3.

ANEXO T – Fragmento 19

À vista de todas estas belezas, despontavam em minha alma pensamentos bem profundos. Parecia-me compreender, desde já, a grandeza de Deus e as maravilhas do céu... Afigurava-me a vida religiosa *tal qual ela é em si* com todas as suas *sujeições*, com seus pequenos sacrifícios, feitos na obscuridade. Compreendia como era fácil ensimesmar-se e esquecer a meta sublime de sua vocação. E dizia-me: Mais tarde, à hora da provação, quando já não puder, prisioneira que for do Carmelo, contemplar senão uma pontinha do Céu estrelado, lembrar-me-ei de tudo quanto estou vendo hoje. Tal pensamento me dará coragem, e facilmente esquecerei meus pobres e mesquinhos interesses, considerando a grandeza e o poder do Deus, a quem quero unicamente amar. Não terei a desgraça de apegar-me a *ninharias*, agora que “*meu CORAÇÃO PRESENTIU o que Jesus reserva aos que o amam!*”¹²...

Tendo admirado o poder do Bom Deus, pude ainda admirar o poder que deu às suas criaturas. A primeira cidade da Itália que visitamos, foi Milão. A catedral, toda de mármore branco, com estátuas em número suficiente para constituir um povo quase incalculável, foi por nós visitada em suas mínimas particularidades. Celina e eu éramos arrojadas, sempre as primeiras, indo imediatamente atrás do Sr. Bispo, a fim de vermos tudo o que dizia respeito às relíquias dos Santos, e entendermos bem as explicações. Deste modo, enquanto oferecia o Santo Sacrifício sobre o túmulo de São Carlos, permanecíamos atrás do altar, com a frente apoiada na urna que encerra o corpo do santo, revestido das insígnias pontificais. Assim era por toda a parte... (Exceto, quando se tratava de irmos até onde não seria compatível com a condição de um Bispo; porque então tínhamos o bom senso de apartar-nos de sua Excelência...) Deixando que as senhoras medrosas cobrissem o rosto com as mãos, depois de terem subido as primeiras torrinhinhas que formam o alto

¹² 1Cor 2,9.

ANEXO U – Fragmento 20

tudo o que estava ao meu alcance, em resposta ao que o Bom Deus solicitava de mim. Contudo, a paz conservava-se no *fundo*, enquanto a amargura enchia minha alma, pois Jesus se mantinha calado. Parecia estar ausente, nada me revelava sua presença... Naquele dia, o Sol ainda por cima não se animou a brilhar, e o formoso céu azul da Itália, carregado de nuvens escuras, não parava de chorar comigo... Ah! era o fim, a viagem já não oferecia nenhum atrativo aos meus olhos, uma vez que a meta tinha falhado. Não obstante, as derradeiras palavras do Santo Padre deveriam ter-me consolado. Não eram, com efeito, uma verdadeira profecia? *Apesar de todos os obstáculos, cumpriu-se o querer de Deus. Não permitiu às criaturas fazerem o que bem entendessem, mas o que era de Sua vontade...* Tempos atrás, tinha-me oferecido ao Menino Jesus para ser seu *brinquedinho*. 177
 Dissera-lhe que se utilizasse de mim, não como brinquedo de valor, que as crianças se contentam em olhar, sem coragem de pegar nele, mas como bolinha sem nenhum valor, que poderia jogar ao chão, bater com o pé, *furar*, largar num canto, ou também apertar ao coração, quando fosse de seu agrado. Numa palavra, queria *distrair o Menino Jesus*, dar-lhe alegria, queria prestar-me aos seus *caprichos de criança*... Minha oração, ele a atendera...

Em Roma, Jesus *furou* seu brinquedinho, querendo ver o que havia por dentro. Depois de tê-lo visto, ficou contente com a descoberta, deixou tombar a bolinha, e adormeceu... Que fez em seu tranquilo sono, e que aconteceu, depois, com a bolinha abandonada?... Jesus sonhou que ainda se *entretinha* com o brinquedo, ora a pegá-lo, ora a largá-lo. E depois de fazê-lo rolar a grande distância, aconchegou-o ao coração, não mais permitindo que jamais se afastasse de sua mãozinha... 64v

Compreendeis, minha querida Mãe, como estava triste a bolinha, por se ver *ao chão*... Não deixava, todavia, de 178

ANEXO V – Fragmento 21

missa ia com Papai ao correio, com a fé de ali encontrar a permissão de pôr-me a salvo, mas cada manhã vinha nova decepção que, aliás, não abalava minha fé... Pedia a Jesus rompesse meus laços. Ele rompeu-os, mas de maneira muito diferente do que eu esperava... Chegou a bela festa de Natal, e nada de Jesus acordar... Largou por terra sua bolinha, sem lhe deitar um olhar sequer...

187 Meu coração estava esmorecido, quando me encaminei para a missa da meia-noite, à qual contava tão certo assistir por detrás das grades do Carmelo!... Bem grande para minha fé foi a provação, mas *Aquele, cujo coração fica de guarda durante o sono*³⁰, fez-me compreender que a quem tenha fé igual a um *grão de mostarda*, Ele concede *milagres* e faz as montanhas mudarem de lugar, a fim de consolidar essa fé tão *diminuta*³¹. Mas, para os seus *íntimos*, para a sua Mãe, não opera milagres *antes de haver provado sua fé*. Não deixou Lázaro morrer, muito embora Marta e Maria lhe mandassem recado que estava doente?³²... Nas bodas de Caná, tendo a Santíssima Virgem pedido a Jesus acudisse ao dono da casa, não lhe respondeu que sua hora não tinha ainda chegado?³³... Mas, depois da prova, que recompensa! A água muda em vinho... Lázaro ressuscitou!... Assim procedeu Jesus com sua Teresinha. Depois de prová-la *por muito tempo* cumpriu à larga todos os desejos de seu coração...

188 Na tarde da radiosa festa que passei entre lágrimas, fui
68 visitar as carmelitas. Grande foi minha surpresa, quando ao abrir-se a grade, dei com os olhos num encantador Menino Jesus, tendo na mão uma bola, sobre a qual estava escrito meu nome. Em lugar de Jesus, muito pequeno para falar, as carmelitas cantaram em minha honra um cântico composto pela minha querida Mãe. Cada palavra me derramava na

³⁰ Cf. Ct 5,2.

³¹ Cf. Mt 17,19.

³² Cf. Jo 11,3.

³³ Cf. Jo 2,4.

ANEXO W – Fragmento 22

a conhecê-los. Como há tempos a nós todas precedestes no Carmelo, assim também fostes a primeira a penetrar os mistérios de amor, escondidos na Face de nosso Esposo. Chamastes-me então, e compreendi... Compreendi o que vinha a ser a *verdadeira glória*. Aquele, cujo Reino não é deste mundo¹³, mostrou-me que a verdadeira sabedoria consiste em “querer ser ignorada e tida por nada”¹⁴, — “em fazer constar a alegria no desprezo de si mesmo”¹⁵. Oh! como o de Jesus, queria que “meu rosto ficasse realmente velado, e que na terra ninguém me reconhecesse”¹⁶. Tinha sede de sofrer e de ser esquecida...

Quão misericordioso é o caminho, pelo qual o Bom Deus sempre me guiou! Nunca me levou a desejar alguma coisa, sem que ma desse. Por esta razão, seu amargo cálice pareceu-me delicioso...

Após as radiantes festas do mês de maio, das festas de profissão e tomada de véu de nossa querida Maria, *pri-* 201
mogênita da família, a quem a mais nova teve a ventura 71v
de coroar no dia de suas núpcias, era bem necessário que a provação nos visitasse. No mês de maio do ano anterior, Papai fora acometido de um ataque de paralisia nas pernas. Nossa preocupação foi muito grande, mas a robusta compleição de nosso querido Rei logo levou vantagem, de sorte que nossas apreensões se dissiparam. Não obstante, na viagem a Roma, notamos mais de uma vez que ele se cansava com facilidade, e não andava tão alegre como de costume... Ao

¹² A devoção da Sagrada Face desenvolveu-se no século XIX, em consequência das revelações de Nosso Senhor à Irmã Maria de São Pedro, do Carmelo de Tours. Desde o início de sua vida religiosa, Teresa foi iniciada nessa devoção pela Irmã Inês de Jesus. A seguir, aprofundou-a de modo muito pessoal, apoiando-se em textos do profeta Isaias, mormente por ocasião da enfermidade de seu pai. A 10 de janeiro de 1889, dia de sua tomada de hábito, assinou pela primeira vez num santinho: “Irmã Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face”.

¹³ Cf. Jo 18,36.

¹⁴ *Imit. de Cristo* I 2,3.

¹⁵ *Imit. de Cristo* III 49,7.

¹⁶ Cf. Is 53,3.

ANEXO X – Fragmento 23

tentação) que, se falasse de meus temores à minha Mestra, impedir-me-ia de fazer meus Sagrados Votos. Contudo, queria antes fazer a vontade de Deus e retornar ao século, do que, fazendo a minha, permanecer no Carmelo. Chamei, pois, minha Mestra para fora, e *cheia de confusão* lhe expus o estado de minha alma... Ela, felizmente, viu mais claro do que eu, e tranquilizou-me por completo. Aliás, o ato de humildade que eu acabava de praticar, afugentara o demônio, que talvez me não julgasse com ânimo de confessar minha tentação. Tão logo acabei de falar, dissiparam-se minhas dúvidas. Todavia, para tornar mais completo meu ato de humildade, quis ainda comunicar minha estranha tentação à nossa Madre, mas ela contentou-se em rir-se de mim.

Na manhã de oito de setembro, senti-me *inundada* por um caudal de paz, e foi numa paz “*a ultrapassar todo sentimento*”⁴ que proferi meus Sagrados Votos... Minha união com Jesus não se efetuou entre trovões e relâmpagos, isto é, entre graças extraordinárias, mas no meio de uma *ligeira brisa*, semelhante ao que Nosso Pai Santo Elias ouviu na montanha⁵... Quantas graças não pedi naquele dia!... Senti-me, realmente, como RAINHA. Por esta razão, valia-me do meu título para libertar os cativos, impetrar do *Rei* favores para os ingratos súditos. Queria, afinal, libertar todas as almas do purgatório e converter os pecadores... Rezei muito por minha Mãe, por minhas queridas irmãs... por toda a família, sobretudo pelo meu Paizinho, tão sofrido e tão santo... Ofereci-me a Jesus, para que torne perfeita sua *vontade* em mim, sem que jamais as criaturas ponham obstáculo⁶...

Passou o belo dia, à semelhança dos mais tristes, pois que aos mais radiosos sobrevém um amanhã. Não obstante, foi sem tristeza que depus minha grinalda aos pés da Santíssima Virgem. Sentia que o tempo não me arrebataria a

⁴ Fl 4,7.

⁵ Cf. 1Rs 19,12-13.

⁶ Entre as laudas 76 e 77, encarta-se a cédula que Teresa trazia sobre o coração no dia de sua profissão (cf. o texto no Apêndice).

ANEXO Y – Fragmento 24

Consumi vosso holocausto pelo fogo de vosso divino amor!...

Minha Mãe querida, destes-me permissão de oferecer-me desta maneira ao Bom Deus. Conheceis os caudais, ou melhor, os oceanos de graças que me vieram inundar a alma... Oh! a partir desse feliz dia me parece que o amor me penetra e envolve. Parece-me que, a cada instante, esse amor misericordioso me renova, purifica minha alma, onde não deixa nenhum traço de pecado, e por essa razão não consigo temer o Purgatório... Sei que, por mim mesma, nem mereceria sequer entrar nesse lugar de expiação, dado que a ele só podem ter acesso almas santas. Mas, sei também que o fogo do amor é mais santificante do que o do Purgatório. Sei que Jesus não nos pode desejar sofrimentos inúteis, e não me inspiraria os desejos que me empolgam, se os não quisesse satisfazer... 84v

Oh! quão suave é o caminho do amor!... Quanto não desejo aplicar-me em fazer sempre, com o maior abandono, a vontade do Bom Deus!...

Eis aqui, minha querida Mãe, tudo quanto posso contar-vos da vida de vossa Teresinha. Por vós mesma conheceis muito melhor o que ela é, e o que Jesus por ela fez. Perdoar-me-eis, portanto, que tenha abreviado muito a história de minha vida religiosa... 239

Qual será o fim da “História de uma florzinha branca”? Será a florzinha talvez colhida em seu frescor, ou então transplantada para outras paragens?³³ É o que ignoro. Tenho, porém, a certeza de que a misericórdia do Bom Deus sempre a acompanhará, e ela jamais deixará de bendizer a Mãe querida que a entregou a Deus, alegrando-se, por toda a eternidade, de ser uma das flores de sua grinalda... Cantará eternamente, com sua Mãe querida, o sempre novo cântico do Amor...

³³ Alusão à possibilidade de partir como missionária.

O Carmelo de Saigon, fundado pelo de Lisieux, pedia elementos para uma fundação em Hanói.